

SUL 25

## EXPEDIENTE

### SUL

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano VIII — Florianópolis,

Agosto, 1955 — N. 25

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Eglê  
Malheiros, Elio Balstaedt, Fúlvio  
L. Vieira, Hugo Mund Jr., J. P.  
Silveira de Sousa, Luis Santos,  
Odílio Malheiros Jr., Ody Fraga,  
Osvaldo F. Melo (filho), Pedro  
T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, e do exterior, espe-  
cialmente dos jovens, se reservan-  
do porém o direito de escolha para  
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)

Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

### NOSSA CAPA

Adolescente — II — linoleogravura  
de Aldo Nunes (do Clube de  
Gravura de Florianópolis — em  
organização).

## REPRESENTANTES:

No Brasil

Lajes (Santa Catarina)

Guido Wilmar Sassi

Caixa Postal, 288

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier

R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa

Rua Boa Vista, 209 — 17º andar

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Hugo Mund Jr.

Belo Horizonte (Minas Gerais)

Roberto Novaes

Caixa Postal, 2.186

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia

R. Democratas, 9

Aracajú (Sergipe)

J. M. Fontes

R. Lagarto, 1571

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão

R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima

Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte

Aluizio Furtado de Mendonça

Av. Rodrigues Álvês, 696

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho

R. Lisandro Nogueira, 1223

São Luiz (Maranhão)

Lago Burnet

R. Colares Moreira, 546

Maceió — (Alagoas)

Karivaldo Barbosa

Rua Boa Vista, 111

Campo Grande (Mato Grosso)

Glauco R. Corrêa

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Olhão — (Portugal)

Vitoriano Rosa

Nampula — África O. Portuguesa

Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

Strassburg — França

Pedro T. Taulois

U. S. A.

Richard M. Morse



SC  
7(05)  
5949

Biblioteca Central  
M.F.C.

SC  
7+8  
5949  
nº 2300

U. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL  
Reg. No. 21120  
27/2/75

### OS "RAPAZES" DE SUL

Está chovendo, está frio, está fazendo noite. Quero ler um livro. Não antes, porém, que este artigo fique pronto. É que esta primeira página desta vez é minha. Você, leitor que me lê, por certo já ouviu falar de "Sul"; já ouviu dizer que ela está vivendo muito, que é uma coisa absurda nestes tempos de hoje; que é um ato heroico destes rapazes lá do sul, ou coisa parecida. Pois bem, confessamos que tudo isto nos envaidece, nos toca profundamente e nos estimula. Cada elogio que recebemos é mais um incentivo para que a nossa revista continue vivendo... e nós envelhecendo. Sim, esta é a verdade. Se você olhar aí do outro lado verá que estamos com oito anos mais do que quando começamos, que não nos sentimos tão rapazes como quando começamos em 1946. Se atentarmos para o fato, veremos que por um lado é extremamente lisonjeiro para nós esta eterna juventude, que, afinal de contas, deve continuar pelos anos afora. Pois o espírito não se deve conservar jovem apesar do tempo? Quanto à outra parte, não. Não somos mais tão rapazes assim. Se não todos, temos entre nós já alguns que — principalmente nós que acompanhamos a revista desde o seu nascimento — vivendo a sua vida ao lado desta vida em comum de literatura e arte, foram se tornando homens como requer a sociedade.

Isto é, queremos reivindicar para nós uma parcela de responsabilidade que tornaria nossas incursões pela literatura um ato de honesta e autêntica atitude perante a Arte. Somos rapazes, sim, em nosso idealismo e em nossa teimosia em fazer uma revista cada vez melhor e que seja digna de todos aqueles que veem na literatura um estado superior de espírito.



enfim, em fazer uma revista que seja digna sem fugir ao que nos propusemos desde o seu início. É o que temos feito até agora e esperamos continuar sempre assim. Não somos rapazes, quando pensamos alguns que tudo isto é produto da mocidade, que tudo isto passa, etc. Não, nossa conduta de agora é e será sempre a mesma não importa nossa idade. Nossa literatura é consciente e na arte não importa a idade. Nossa literatura é porque é mesmo. Não queremos absolutamente a atenuante de que somos "rapazes". Se não servimos, então é porque não servimos mesmo e não devido a nossa idade. Somos rapazes quando lutamos com tôda a sorte de impecilhos, a falta de apôio, a incompreensão; somos rapazes quando nos elogiam, quando nos animam com palavras carinhosas; somos rapazes em nossa juventude e em nossa vontade de lutarmos pelo que vem dos jovens, sejam de hoje ou de amanhã.

Mas nosso êxito — se é que temos algum — e nosso merecimento devem estender-se a todos aqueles que tornam "Sul" uma realidade. Esta revista não é feita somente pelo esforço de um grupo radicado em Florianópolis. Se você novamente olhar a página ao lado verá uma lista bastante grande de representantes. Representantes. São nomes de "rapazes" dos mais variados lugares que, tanto no Brasil como no exterior estão trabalhando conosco, fazem parte mesmo de nosso grupo, e trabalham com o mesmo idealismo, com a mesma intenção que a nossa qual seja a de divulgar um ideal, um princípio comum a todos. A eles, queremos dar também êste carinhoso epíteto "rapazes" de Sul. A êles, que trabalham conosco desinteressadamente, que espalham "Sul" por todos os lugares, que estão presentes em quase todos os pontos do Brasil, que se estendem pelas terras de nossos irmãos portugueses, que estão quase sempre presentes nas páginas de nossa revista, prestamos uma homenagem sincera porque êles sabem que a única recompensa que têm é a certeza de que nada receberão em troca senão a satisfação de que estão caminhando sempre para frente, nós e êles, para esta coisa que se chama Arte. Inexprimível, inatingível.

Nós somos, pois, com justo orgulho, os "rapazes" de "Sul"

W. C. S.



## LAURINDO RABELO: O "POETA LAGARTIXA"

A história da literatura brasileira, como a nossa história política, social e administrativa, está por ser escrita. Os compendios que tratam de nossa evolução literária, com raríssimas exceções como é o caso de Sílvio Romero, focalizam da cultura nacional apenas sua crosta visível, os seus nomes mais em evidência no decorrer de nossa evolução histórica, por razões óbvias como, por exemplo, a maior proximidade desses escritores com as classes ou camadas que tutelavam na época a distribuição de comendas literárias, prêmios, empregos, consagrações fáceis ou manipulavam a máquina da propaganda, descurando de estudar, com o relevo devido à importância que tiveram, determinados poetas, escritores, historiadores, críticos ou artistas mais ligados às camadas populares e que, porisso mesmo, expressaram com mais acuidade e realismo o caráter nacional de nossa cultura e as características psicológicas comuns à nação brasileira. É toda uma herança literária desconhecida, abandonada, dissipada no esquecimento, todo um filão que está por ser estudado particularisadamente. Agora, mais do que nunca, pois de tempos para cá, o olvido que inicialmente parecia fôsse consequência da falta de informações sobre esses artistas e escritores, transformou-se em posição ideológica consciente de determinada corrente de críticos, corifeus e epígonos de um conceito "aristocrático" de arte que nega todo valor literário ou social a esses escritores e artistas populares.

O caso de Laurindo Rabelo é típico nesse sentido. O seu valor como poeta é quasi ridicularizado por certa parcela da crítica nacional. Sua obra satírica, uma das mais exuberantes e ricas, ainda não foi recolhida, estando espalhada por jornais da época. Ninguém até o momento se interessou em fazer um trabalho de pesquisa a fim de recolher suas poesias. Não teve biógrafo. Em algumas antologias, quando estudamos no curso ginásial, lembramo-nos de uma poesia intitulada "Adeus ao Mundo". É somente o que nos é dado conhecer do poeta, até que nos disponhamos a procurar sua obra para conhecer-lhe os rasgos fundamentais e a força poética que possui. Aliás, o poema antológico de Laurindo Rabelo é um dos mais incharacterísticos de sua obra o que nos leva a crer que, mesmo sem levantarmos a hipótese de uma deliberação consciente no sentido de dar uma visão deformada de sua poesia, houve uma infelicidade completa no critério de seleção dos organizadores da antologia.

No entanto, Laurindo Rabelo ocupa uma posição muito importante no desenvolvimento da poesia brasileira. Nasceu em 1826, e faleceu em 1864, pegando, como se vê, um período agitado de nossa vida política que vai praticamente da independência, proclamada quatro anos antes do seu nascimento, até a consolidação do Império. Viveu toda a fase que se convencionou chamar de "Regência-maioridade" e que se caracteriza por uma série de lutas populares como "A Balaiada" (1839), a "Revolução Praieira" (1848) e inúmeras outras conhecidas de todos. Muitos desses acontecimentos estão refletidos nos seus versos. O Gal. Labatut, que na luta da independência comandara os exércitos libertadores baianos contra as forças do Gal. Madeira, mereceu um poema de Laurindo Rabelo. Diz ele:

"Aquí, por sobre as frentes inimigas  
passando como um raio,  
que ao mesmo tempo espalha luz e morte  
os servos fulminando,  
sua espada de bravo a um bravo povo  
o oriente mostrou da liberdade".



Esse diapasão de poesia pública nos encontramos em inúmeras produções de Laurindo Rabelo. Não era por acaso, porém, que o poeta sentia necessidade de por sua poesia perspectivada dentro dos acontecimentos sociais e políticos que caracterizam sua época. Nascido quasi na indigência total, Laurindo Rabelo foi sempre atormentado pelos problemas criados em consequência de nosso atraso social. Silvio Romero, um dos poucos que fizeram justiça ao poeta, conta como Laurindo Rabelo teve de enfrentar os problemas materiais imediatos de forma dolorosa e dramática. Segundo ainda Silvio Romero, aos dezoito anos já era poeta, não parando, daí até morrer, de fazer poesia. Filho de pais paupérrimos, ingressou no seminário de São José, mas teve de abandonar a carreira eclesiástica por não encontrar na mesma os ideais que aspirava. Matriculou-se, logo depois, na Escola Militar onde nova decepção aguardava o poeta: foi obrigado a retirar-se por haver feito algumas sátiras contra o seu diretor. Inteiramente desprovido de recursos materiais viu a irmã enlouquecer e em seguida o irmão ser assassinado. Tentou cursar a Escola de Medicina do Rio de Janeiro de onde teve de se ausentar por absoluta falta de recursos. Só muito mais tarde conseguiu formar-se em medicina, depois de sacrifícios inúmeros.

Nunca viveu, apesar de todos os sacrifícios, nos grupos áulicos de escritores e poetas privilegiados, mendigando concessões ou favores. Silvio Romero — que aliás estudou de Laurindo Rabelo mais a parte lírica e elegíaca — diz que ele "era um homem da plebe e sempre viveu em estado próximo da indigência. Não privava com o Imperador, não era sócio do Instituto Histórico e tampouco era protegido dos régios magnatas da literatura do seu tempo.

Não era apaniguado de Magalhães, Pôrto Alegre, Otaviana, Macedo e outros influentes da época. Pelo contrário, noto no jornalismo do tempo completo silêncio sobre poeta fluminense. Era, no entanto, um poeta popular. Vivia entre o povo, recitando os seus poemas em festas e solenidades, gozando de imensa popularidade onde aparecia. No Rio de Janeiro, em Pôrto Alégre ou Bahia, lugares onde Laurindo Rabelo morou, seu nome era conhecido das rodas de poesia. "Poeta Lagartixa", chamavam-no em consequência do seu porte desconjuntado, comprido e magro. Suas poesias refletem essa convivência com o povo a cada passo. Porque a clareza e a simplicidade são duas constantes em toda a obra de Laurindo Rabelo. Inteiramente vinculada a sua tradição realista, humanista e clara, sua obra trazia os germes de uma épica nacional, somente realizada por Castro Alves. Aliás, certas poesias de Laurindo Rabelo não somente pelo tema porém, também, pela forma, têm inúmeros pontos de contáto com a de Castro Alves, sendo interessante fazer-se um estudo para se saber até que ponto o poeta fluminense influuiu no baiano. Muito antes de Castro Alves, fez poesia abolicionista. Em uma dedicada à liberdade de uma menina escrava, dizia Laurindo Rabelo:

"Que assunto mais merece  
Um hino de poesia?  
Que dia tem mais dia?  
Que feito tem mais luz?  
Do cativoiro um anjo  
Quebrando infames laços,  
À cruz estende os braços  
E os braços lhe abre a cruz.

Infante, sem afagos,  
Temendo-te altiveza,  
Querendo-te a vileza



Plantar no coração,  
Dar-lhe-te por gestos,  
Nas vestes, no aposento,  
Na Mesa, no alimento  
Sómente — escravidão !

Porém, não foi apenas a escravidão que Laurindo Rabelo atacou na sua poesia. Dizia, fazendo quasi uma profissão de fé poética, em outro local:

'Não posso cantar  
enquanto vir bravos  
Rojar como escravos  
infame grilhão;  
Curvando a sicários  
a frente sublime!  
Submissos sem crime,  
pedindo perdão!

Não posso cantar  
enquanto um malvado  
poder infamado  
audaz, sem pudor,  
com seu bafo infecta  
Brasília horizonte  
trazendo na frente  
— prevaricador — ;

Enquanto essa gente  
tão ímpia e tão vil  
meu caro Brasil  
puder governar;  
Co'a pátria inundada  
de luto e de pranto  
não posso ter nanto,  
não posso cantar.

Porém se algum dia  
o fero domínio  
do ímpio extermínio  
tiver de morrer;  
Se o povo, esquecido  
de loucos enganos,  
um dia os tiranos  
quizer abater;

Se um dia, cansada  
de tanta maldade,  
soltar Liberdade  
seus raios da mão,  
e os céptros pesados  
dos reis fementidos  
por ele fundidos  
rolarem no chão;

E as nossas campinas  
e prados virentes,  
e os céus de contentes,



trajando de azul,  
ouvirem os hinos  
da livre coorte  
da parte do norte,  
da parte do sul;

E os grandes Andradas  
Canecas, Machados,  
e mais nomeados  
por alto valor,  
de já do Empíreo  
tais cantos ouvindo,  
saudarem se rindo  
seu povo senhor;

Então minha lira,  
coberta de flores,  
já livre, louvores  
podendo entoar,  
aos doces encantos  
da quadra formosa  
virá sonora  
teus anos cantar”.

Era assim sua poesia: viril e audaz, cheia de denúncias contra uma ordem social que expressava ainda todos os males de um país semi-colonial. Essas poesias eram recitadas por Laurindo Rabelo em salões, em casas de homens do povo, em festividades comemorativas. Ainda estavam bem vivas no ânimo do povo baiano as gloriosas jornadas de dois de julho, quando as tropas dos patriotas brasileiros expulsaram do nosso solo os colonialistas portugueses. O poeta, empolgado com o sentido patriótico das comemorações que se preparavam na Capital baiana, compõe uma poesia de exaltação à data:

“Eia, Bahianos, raiar  
vai na terra do Cruzeiro  
este dia tão jocundo  
que, apesar de ser segundo,  
há de ser sempre o primeiro!

.....  
Esse dia que provou  
com solene majestade  
ao vil tirano atrevido  
quanto pode um povo unido,  
quando grita — liberdade”.

Aproveitava comemorações, como dissemos, para improvisar suas poesias de sentido de exaltação nacional. Em um 7 de setembro comemorava-se com uma festividade patriótica mais um aniversário da Independência. Laurindo Rabelo improvisou, então, um poema sobre o acontecimento:

“Que vejo? ... a Rússia tremendo  
sob a despótica espada? ...  
Forte Hungria derrotada  
entre cadeias gemendo,  
a Itália a frente abatendo  
ante o fanático juz? ...



Liberdade! . . . se de luz  
precisas, responde, fala,  
aqui temos, vem buscá-la  
na terra de Santa Cruz.

Famoso povo guerreiro  
por nós hospitalizado,  
contra nós, sem causa irado  
nos levou ao cativoiro!  
Em seu jugo carniceiro  
choramos longa orfandade!  
Nossos campos, nossa herdade,  
de cadáveres cobertos,  
eram funéreos desertos  
que enlutava atroz maldade.

Mas nossos bríos um dia  
contra os ímpios acordaram  
e os combates rebentaram  
entre nós e a tirania!  
A estrela que conduziu  
Colombo à terra da Cruz,  
que os grandes povos conduz  
ao templo da Liberdade,  
dos andes na sumidade  
**JÁ** solta brilhante luz.

Ao seu divino clarão  
Pedro, o filho d'essa terra,  
que dispunha em nova guerra  
lançar-nos novo grilhão,  
acorda . . . fita a visão,  
toma a espada, o campo invade,  
embebe-a na claridade  
que da estrela se desprende,  
e com ela acesa acende  
o Farol da Liberdade".

Não sabemos, ao certo, quais as idéias políticas de Laurindo Rabelo. O certo, no caso, é que sempre na sua poesia, é contra os "aulicos", os "mandatários do despotismo", todos com o "coração de orgulho entumescidos". Pelo menos em uma poesia há sintomas bem nítidos de uma posição republicana, embora em outras ocasiões — como em 1863 — tenha feito poesias que, se não chegam a negar essa posição, pelo menos faz-nos crer que o poeta ainda não possuía sedimentada uma posição coerente e inalterável. Coisa, aliás, que não era de se admirar no tempo já que a propaganda republicana como corpo de doutrina só muito depois se espalharia pelo país. O que não se pode negar é sua posição constante de poeta sempre ao lado do povo. Além disso: Laurindo Rabelo tinha um sentimento nacional dos mais profundos. Poucos poetas em nossa história tiveram mais ternura pelas coisas brasileiras, pela nossa terra e nossa gente. Há poesias em sua obra de uma ternura comovente. Poderemos citar, para exemplificar o que afirmamos, poemas como "A Bahia", "A Terra Natal", "Ao Avistar as Terras do Rio de Janeiro", "Ao Amigo F. de Paula Brito" e alguns outros que bem demonstram o amor de Laurindo Rabelo pelas coisas nacionais expressos em versos como estes:



"Meu Deus, meu Deus, não consintas  
que a pátria torne a deixar;  
Que da segunda ferida  
Talvez não possa escapar!"

Ou nestes versos de "Adeus ao Mundo":

"A morte é dura  
porém longe da pátria é dupla a morte".

Sua obra está impregnada de espírito nacional. É verdade que há muitas poesias elegíacas na obra de Laurindo Rabelo. Essas, porém, guardam ainda todo o lirismo sadio, algumas vezes melancólico do nosso povo, nada tendo que ver com as "elegias" mórbidas e degeneradas de certa corrente poética atual, inteiramente divorciada das nossas tradições culturais.

Foi também um grande lírico. Sua sensibilidade delicada em contato com a realidade sofreu o impacto dos fatos e homens do seu tempo e desse choque nasceram poesias que merecem figurar entre as melhores já escritas em nossa literatura. Concordamos que Laurindo Rabelo muitas vezes descuidou da forma. Talvez por ter tido uma vida dispersiva e inquieta não pudesse dar aos seus versos o tratamento que mereciam. O certo, porém, é que foi um poeta desses que, segundo ainda Silvio Romero, "nafragam; mas nadam sempre para as costas e vão surgir adiante com as mãos dilaceradas, nus, famintas, e sempre enérgicos e cheios de esperança". Era uma verdade. O próprio Laurindo afirmou que,

"Enquanto na estrada da existencia  
a humanidade avança  
deixa sempre olvidar os desenganos  
co'os olhos na esperança".

São Paulo.

Clovis Moura





Mulheres — linoleogravura de Augusto dos Santos Abranches —  
Moçambique.



## ALGUNS ASPECTOS DO JORNAL CINEMATOGRAFICO

No panorama atual do cinema brasileiro, a série de problemas que se apresentam é tão grande e de tamanha importância que necessário se torna estudá-los parceladamente, cada qual dentro de seu ambiente natural e dentro de suas normas específicas, a fim de que as soluções isoladas, depois de reunidas, nos apresentem uma solução única e satisfatória.

O que mais desperta interesse geral e debates dos críticos e estudiosos é, sem dúvida alguma, o nosso cinema de ficção, o longa metragem — base financeira de toda indústria cinematográfica. Entretanto, paralelamente, nós deveríamos olhar para o outro cinema, aquele real, de caráter documentário, que é praticamente inexistente no Brasil, e que na nossa opinião poderia trazer grandes benefícios para o cinema em geral, já por possibilitar oportunidades aos cineastas patrióticos de conhecerem mais de perto o ambiente nativo que lhes deveria servir de base em seus filmes de ficção — os quais passariam assim a serem filmes realistas — já por proporcionar amplos conhecimentos aos novos realizadores que buscam no cinema o seu meio de expressão artística.

Não queremos propriamente tratar aqui do filme documentário, mas sim de um gênero ou, se preferirem, uma sub-divisão: o jornal cinematográfico. Embora alguns o considerem completamente diverso do filme documentário, baseados num princípio expresso em projeto-lei que considera o documentário como "revelação de fatos, ocorrências, aspectos reais em seus múltiplos setores, concatenados por um fio condutor", nós acreditamos ser o jornal cinematográfico um documento da época ou na pior das hipóteses, valer como documento, pelas suas características de mostrar os fatos e comentá-los dentro do princípio da verdade. E se atentássemos para o vocábulo documentário, veríamos que ele expressa gramaticalmente aquilo que o jornal expressa cinematograficamente.

Se a existência do cinema documentário é uma necessidade social que provocou até a formação de grupos para reestruturá-lo, quando do seu desaparecimento temporário em alguns países, não é menos importante a existência do jornal cinematográfico, sob o mesmo aspecto social. É através do jornal da tela que o grande público vai tomar contato com a última greve dos operários americanos ou com a última manifestação estudantil na Grécia. É pelo jornal cinematográfico que o grande público "vê" a situação presente deste ou daquele país e do seu próprio, quer no terreno social, quer econômico ou político. O fato em movimento, o fato acontecendo, focalizado com o sentido único de mostrar a verdade, vem trazer às massas aquela verdade. E essa importância do jornal cinematográfico não pode ser esquecida.

O jornal nasceu com o próprio cinema. A câmera de Lumière surpreendeu, de início, o universo familiar ante o qual foi colocada e suas realidades imediatas, abrindo assim caminho para a forma natural, realista, direta do cinema: aquela que nós chamaríamos mais tarde de documentário.

Os primeiros filmes projetados no Grand Café nada mais eram do que documentários, ou melhor ainda, jornais cinematográficos, senão vejamos: "La sortie des usines Lumière à Lyon-Montplaisir, L'Arrivé d'un train em gare de La Liotat, La rue de la République à Lyon", constituíram o que hoje em dia conhecemos por atualidades, últimas notícias, ou simplesmente notícias cinematográficas.

"Durante os últimos anos do século XIX, os operadores Lumière realizando nos quatro cantos do mundo umas mil fitas de 17 metros, criaram, sem quase pensar nisso, os primeiros gêneros do cinema: a reportagem, os filmes de viagens, as atualidades, os documentários, os pri-



meiros cômicos. Pêrigot e François Doublier, por exemplo, foram os autores da primeira grande reportagem: a coroação do último czar da Rússia, em Moscou, abril de 1896". (Georges Sadoul — *Le cinéma*).

Sadoul em sua exposição distingue o documentário da reportagem e da atualidade.

Entretanto essas duas se confundem. Mais adiante em sua obra ele determina e especifica "os gêneros do cinema". E ali encontramos: "O documentário, um gênero vastíssimo e mal definido, compreende os filmes de viagens, de turismo, de exploração, etnografia, história, ensaios técnicos, econômicos, industriais, militares, geográficos, filosóficos, fisiológicos, esportivos, etc.. Todos os ramos do conhecimento humano podem servir de objeto a documentários".

Gênero vastíssimo e mal definido. E poderíamos acrescentar, mal compreendido.

"As atualidades são jornais hebdomadários mostrando e comentando os acontecimentos recentes".

Dai nosso desejo de considerar o jornal cinematográfico como do gênero documentário, embora não apresente o "fio condutor".

Mas o ponto que mais nos chamou a atenção em Sadoul, e sobre o qual repousa uma grande responsabilidade do Jornalista do cinema, é a influência exercida sobre o público. "A influência dessa imprensa filmada é apreciável, sem poder ser comparada, contudo, à da imprensa escrita ou falada". Naturalmente, Sadoul possui autoridade suficiente para afirmar tal. Entretanto, queremos crer que sua referência se baseie tão somente no que diz respeito a número, quantidade. A imprensa cinematográfica está, de fato, muito aquém da escrita ou falada, em todo o mundo. É incontável o número dessas últimas, ao passo que bem pequeno o número da primeira.

Mas se a imprensa escrita ou falada possui uma influência preponderável sobre o público, a imprensa filmada também a possui na mesma intensidade, e atualmente essa influência se acentua dada a grande penetração do cinema em todos os meios.

Há muito deixou de ser discutível a influência do cinema. Desde os filmes de ficção que o público a vem sentindo e manifestando através de suas reações na vida real. E como não sofrerá uma influência decisiva ante a reprodução comentada do fato, na sua frente, em movimento, sonoro, real, tal qual foi acontecido?

O próprio Sadoul reconhece esse poder: "Os grandes jornais filmados americanos (RKO, Fox, MGM) possuem numerosíssimas edições estrangeiras, que são preciosos auxiliares de Hollywood e da política americana em geral".

No Brasil esse setor toma um aspecto muito particular. É que, praticamente, não existe uma imprensa cinematográfica organizada. Existe um regular número de jornais, iniciativas privadas, quase sempre por parte de produtores novos que se iniciam no cinema, ou — o que é pior — por autênticos "picaretas", como são conhecidos aqueles que usam de meios ilícitos em nome do cinema nacional.

E as empresas produtoras ou distribuidoras que se dedicam ao ramo do jornal, são em número muito pequeno para constituírem uma força organizada.

Esses jornais, para sobreviverem, baseiam-se exclusivamente na publicidade, que chega até ao público através de diversas formas ditas indiretas. Não atacamos tal modo de proceder. O produtor do jornal precisa viver e pagar seus cinegrafistas e técnicos, e o que a lei lhe garante pela exibição do seu jornal é irrisório. O nosso sistema de pagamento calculado na base de preço de entrada é desanimador. Cinco vazes o preço da entrada, em cada sessão, não pode de maneira nenhuma



compensar a confecção de um jornal estritamente noticioso, nem sequer possibilitar uma grande quantidade de cópias ou edições mais frequentes que iriam levar os fatos a todos os cantos do país, num mínimo de tempo após seu acontecimento. Isso força a publicidade e lesa o público, fugindo aos princípios fundamentais de imprensa.

Ainda mais que é sobejamente conhecido não serem efetuados pelos exibidores o pagamento legal. Na maioria dos casos, ou na sua totalidade, o pagamento ao produtor do jornal é feito na base de um contrato, cuja importância total nunca atinge a estipulada pela lei.

E o que resulta de tudo isso são os jornais que o nosso público assiste diariamente, com assuntos sem nenhum interesse geral, publicidade em excesso, grande atraso nas exibições. Nas cidades do interior é costume se assistir a um jornal de um ano ou mais atrasado.

Já que acreditamos e expressamos a importância social do jornal filmado, nada mais natural que o desejássemos ver enquadrado dentro de suas finalidades básicas. Mas para isso seria necessário uma reforma estrutural nas leis vigentes ou um interesse mais sério das autoridades governamentais.

O estudioso e crítico Marcos Margulíes, em seu "Os problemas do cinema de curta-metragem" diz que "o jornal cinematográfico só pode sobreviver com a subvenção dos órgãos governamentais, ou aceitando publicidade".

Como essa subvenção não existe, eles sobrevivem pela segunda forma. E ante as conseqüências que advêm, só resta mesmo apelar para o governo. Mas êsse ainda não encontrou uma solução para a derrocada do cinema nacional, quanto mais pensar no pequeno cinema — o curta-metragem.

Poderíamos apelar também para um aumento da taxa estipulada atualmente, baseados no fato de ser o Brasil o país latino-americano que apresenta modalidade mínima de pagamento. No Paraguai, país sem expressão cinematográfica, a lei estipula o preço de dez entradas por sessão — o dobro do que é pago entre nós. E note-se que no Paraguai não há jornais nacionais regulares.

Para que houvesse uma normalização desse setor cinematográfico no Brasil, necessário seria que o Governo voltasse os olhos para ele, modificando as leis atuais ou criando um sistema de auxílio benéfico que não viesse, entretanto, forçar a revelação exclusiva de acontecimentos oficiais, como os que se assistem hoje em dia: monótonos, de propaganda pessoal e com desvantagem publicitária para o próprio Governo.

Glauco Rodrigues Corrêa

Meio século de cinema estão exteriorizados, em sua forma e conteúdo mais sublimes, como arte substancial, em "Limelight". A película não tem virtuosismo técnico nenhum, porém, formalmente, também nada deixa a desejar.

A experiência do gênio de Chaplin expõe o tema num enquadramento puramente cinematográfico, sem apelar para a técnica avançada, com seus efeitos de mais pirotécnica hoje tão usada e abusada, do que o "leit-motiv" que é o verdadeiro arcabouço da obra, resultantes de fatores que a sétima arte, por mais evoluída e aplicada não podem alcançar.

Mesmo assim, os cortes são perfeitos, como também a angulação, direção, "back-ground" musical e interpretação, numa sôma ideal de complementos que permitem essa simbiose homogênea levada a efeito por seu realizador.

A fotografia não tem rebuscamentos impressionantes. A câmara é acionada com sobriedade natural, apenas como elemento imprescindível para captação em preto e branco da estrutura de um tema onde a humanidade se desenvolve no âmbito de uma história que só a criação chapliniana poderia realizar e transmitir, em linguagem cinematográfica acessível, simples e digna.

E justamente essa singeleza na carpintaria técnica que melhor se entrosou com o desenvolvimento do enredo, que vai envolvendo o espectador na humanidade dos simples, dos apagados, do "clown" decaído e beberão e da tímida Terry, lírio do lódo.

Dá Calvero, ao mundo, com humildade sem complexos, e sem ditar cátedra, por meio do talento impressionante de Chaplin, a visualização equilibrada, serena e repleta de dignidade de um mundo singularmente representado na figura de um palhaço decadente.

O homem cômico da responsabilidade de sua profissão, envilecido pela mediocridade e a idiotice que sobrepaira dirigindo tudo, tendo ainda forças para, desempregado, ceder seu quarto para uma jovem a quem salva do suicídio, vendendo seu violino para alimentar-se conforme prescrição dietética.

O ato, sem alarde e escoimado da premeditação de mostrar, à guisa de decálogo de boas maneiras, como agir em nome da moral, sugere ao homem uma espontaneidade bondosa que, "malgré tout", ele ainda não perdeu.

Em toda a obra chapliniana, que no cinema já é antológica, jamais o artista se revelou e se identificou tão bem com o homem, com suas virtudes, caprichos e defeitos, como na película em questão.

Sua mensagem, desta feita, atingiu uma fase de amadurecimento intelectual e emocional de uma grandeza fundamental, sem um conteúdo e um endereço eminentemente satírico, muito embora todas as suas películas tragam em si a marca registrada da personalidade inimitável do intérprete, quer no vagabundo Carlitos, quer no protagonista de "O Ditador", ou como Mr. Verdoux.

Transformou-se, já, em patrimônio do século XX, tal a identificação com o indivíduo dessa conturbada centúria, pelo inigualável poder criador na representação de seus tipos, por demais conhecidos em todos os quadrantes do globo.

"Limelight" é a consequência natural da decantação de todas as experiências (se é que podemos denominar assim os filmes anteriores de Chaplin), surgindo daí talvez uma autobiografia, como querem muitos, vazada numa linguagem profundamente humana, cujo entendimento não é privilégio de alguns orrebrís, mas de todos os que assistiram e assistem a saga de Calvero.



É um homem inconfundível o "clown", menos por seu talento histriônico e sua pantomima, do que pelo modo com que encara a vida. Com inteligência e experiência, incute a razão de viver numa bailarina descrente e parálitica, fazendo-a andar sem recorrer ao tabu psicanalítico. E no entanto, chora doridamente por fracassar num espetáculo de quinta classe, que lhe oferecem os empresários, por muito favor.

É o homem, ainda, admitindo o ocaso da vida, porém não perdendo nunca o desprendimento de dar. Se gostamos de Calvero, se nos emocionamos com sua coragem, com seu orgulho sereno, de tocar num obscuro café para recolher moedas, sem constrangimento, sem amargura, com altivez, até — é que a humanidade vê em Calvero o que desejava ser e não é.

Nisso, cremos, reside a singular emoção que sentimos pela individualidade do palhaço. Ele atravessou a existência fazendo o público rir e, decaído, não gritou revolta nem afogou revoltas.

Sua superioridade demonstra-a diante da estupidez dos empresários, de suas maquinações, que são a representação do egoísmo e da ambição do homem. Era, sobretudo, um indivíduo que amava a vida, vendo a necessidade dela se realizar, bem ou mal, porém o cérebro deveria sobrestimar sempre o otimismo e a serenidade.

Chaplin não faz Calvero exageradamente otimista, contudo. E tanto é verdade que o alcool ajuda o "clown" a viver, igualando o artista fracassado, no âmbito de seus problemas, nessa atitude, a qualquer outro indivíduo com problemas de ordem mental e econômica que também, às vezes, sente a necessidade do alcool.

É o que podemos chamar de grandeza simples, despida de enfeites, mas grandeza genuína. A constante que o faz recusar o amor de Terry, que ele deseja, mas o evita pela disparidade de idades, sentindo que a moça transforma o sentimento de gratidão em querer do coração, sobrevivendo, então, a renúncia e fuga de Calvero, que a libertaria para sua carreira. Ele, portanto, compreendia sua velhice física, o ostracismo artístico que lhe foi votado pelo público inconstante e caprichoso, tudo isto constituindo valores negativos a entravar o futuro glorioso da bailarina, qua apenas desabrochava.

E na insistência da jovem é que julgamos que a história de Chaplin discrepou, sem por isto, poder ser taxada de inveraz, de não possível de suceder.

É que o artista, aí, como homem, quer o amor, almeja o amor e naturalmente sente ainda a plenitude de poder se apaixonar e ser alvo de paixão. Residiria, aí, o ponto em que certos críticos de cinema querem identificar "Limelight" como a autoriografia de Charles Spencer Chaplin?

Calvero morre e emociona o mundo com sua odisséia obscura, levando-nos sua mensagem simples, vigorosa, cheia de calor humano, que nada mais é senão um convite a nós à dignidade de viver e para que viver.

Ilmar Carvalho



## A POESIA NO CINEMA

São poucos os leitores de livros de versos. Em compensação, o cinema com tema poético tem muitos admiradores. Há pouco tempo, "Lili", dirigido por Charles Walters, um diretor medíocre, atraiu multidões aos cinemas onde foi apresentado. Tal filme agradou á gente de tódas as camadas sociais. Até aos exigentes críticos e cine-clubistas. E porque tal sucesso, se "Lili" foi realizado por um diretor de reduzidos predicados artísticos?... Observando-se os diversos elementos da equipe que compôs êste filme, encontra-se somente um motivo forte para o seu êxito: o valor altamente poético da história de Paul Gallico.

Num mundo onde a brutalidade, o crime perverso, a lascívia, a cobiça, a bomba atômica, a disputa comercial e as constantes ameaças de guerra desmembram os seres, arrastando-os ao caos, muitos ainda buscam a região da beleza e da harmonia. Mas não vão procurá-la no silêncio das bibliotecas, nos volumes de poemas.

Ao apressado homem do século XX, o cinema lhe fala numa linguagem dinâmica, melhor entrosada ao mundo contemporâneo. Conseqüentemente, surgiu a nova estirpe de poetas, como podem ser considerados certos cineastas.

Em filme recentes, nota-se a fuga à realidade estúpida. "Luzes da ribalta", "Umberto D", "Milagre em Milão", "Brinquedo proibido" e "Rashomon" são envolvidos por um sópro poético, transmitindo sensações situadas fóra do plano comum.

É verdade que certos cineastas, usando a maneira rude, direta, em apresentar os temas, também têm conseguido sucesso. Mas o tempo conservará o valor desses filmes? Em "Amores de Apache" (Casque d'Or), Jacques Becker capta uma crueza que compromete a obra de arte e "Salário do medo", de Henri George Clouzot, é puro artesanato, com fria veracidade. São filmes que procuram retratar, minuciar, mas destituídos de certa sensibilidade tão necessária. O espectador do futuro assistirá essas películas com o mesmo agrado atual? Não sucederá a êsses filmes o mesmo que às obras literárias realistas que foram superadas? Emile Zola é considerado o caminho, a base do romance moderno, mas, hoje, onde está situado o seu lugar na paisagem literária? Muitas figuras estão acima dele. E o realismo do cinema francês de pré-guerra ou italiano da fase "néo-realista" talvez seja a base de um cinema sem o efeito momentâneo, de maior personalidade.

Em todos os tempos, a arte refletiu o meio em que se formou. Também o cinema procura refletir as incertezas, inquietações, esperanças, ideais e lutas do nosso século. Mas, para perdurar como arte, deverá conter certa força artística. "Alemanha, ano zero", puro depoimento de Roberto Rossellini, retratando conseqüências de após-guerra, em representação recente, decepcionou, sem conseguir manter o conceito que desfrutou na época do seu lançamento, quando o ambiente, ainda estremecido pela guerra, o aceitava sem restrições, pelo libelo que continha.

Entretanto, Claude Autant-Lara em "Adultera" (Le diable au corps), usando tema realista, envolveu-o numa suave poesia, resultando um filme considerado como uma obra prima do cinema universal. Carol Reed em "O condenado", tomando posição em face dos conflitos do momento em que vive, fez também realismo de expon-taneidade artística, assim como Ives Allegret em "Excravas do amor" (Dedée d'Anvers) consegue espremer determinado lirismo da misé-



ria e sordidez, atingindo o íntimo dos expectadores. Encontramos determinada aura irreal em películas de John Ford e Jean Renoir e Jacques Prevert infunde o seu lirismo típico nos filmes de Marcel Carné.

Jean Cocteau percebeu a importância da imagem no terreno poético. Mas, no caso do cineasta francês, a aplicação do cinema à poesia é feita deliberadamente. Ele olha para a sétima arte com olhos de literato. Não tem personalidade de cineasta independente. Suas realizações são muito conscientes. Sómente em "A bela e a fera" libertou-se um pouco, conseguindo resultados razoáveis. "A aguião de duas cabeças", por exemplo, é pura literatura poética apoiando-se no recurso verbal.

Entretanto, com um cineasta de personalidade como é Charlie Chaplin, os resultados são diferentes. "Luzes da cidade", considerada por muitos como a maior obra de Carlitos, é justamente onde o mestre distila sua grande poesia humana. Tal filme vem desafiando o tempo e conquistando espaço. O que vem comprovar a vocação poética da sétima arte, de acordo com a sua estrutura, real expressão artística do século XX.

Porto Alegre.

Antônio da Silva Filho

## A VIAGEM

Walmor Cardoso da Silva

Era mercado aquela vez junto ao mar,  
Entre frutas e vozes a formatura viria.  
Era manhã e sol e tua partida  
conta viagens passadas.

Sofro a distância, outras ruas, outras  
noites em vão. Tuas mãos ainda são minhas.  
Vamos alegremente misturando-nos nas vozes  
soltas do povo. Vamos calados.

Tu tens ainda a rosa que te dei. Não  
te dou palavras, minha conversa é somente  
antigos sons de outras conversas.  
A viagem virá breve. Vivemos o futuro separado.

Era manhã, no entanto que mais sentiria  
senão a recusa de meu projeto dezembro?  
Guardo teu gesto e me vou  
de mãos dadas por outras ruas.

Já outubro em meio com essas nuvens tuas  
a sugerir convites decolando aviões.  
No entanto a tarde inteira dos domingos  
me comove entre vazio e só abertamente.

Fôrça é convencer-me em tôdas as cartas lidas  
que tudo mudou, só há ternura, azul e nuvens.  
Vou aprendendo nas horas passeadas noite a dentro  
o teu roteiro iniciado há quanto tempo.

Assim não vou nesta renúncia quieta  
por teus cabelos decompondo sonhos.  
Que mais seria, pássaro, mar enorme,  
outras vidas numa vida só?





POEMA

Paulo Di Bernardi Pires

A rua:

Negra,  
Deserta,  
Silenciosa,  
Enluarada.

Ao vento:

Folhas  
Bailam,  
Tombam,  
Enluaradas.

Outono:

Arvores  
Despidas,  
Saudosas,  
Enluaradas.

Folhas:

Idéias  
Simples,  
Secas,  
Enluaradas.



EM MAIO. 26

Elizabeth Gallotti

A calma azul da tarde que morre  
e o último vôo do pássaro  
hoje me pertencem  
e eu sou só doçura e pensamento teu  
terra.

Eu tôda  
te olhando  
só tenho  
o desejo manso  
das coisas.

Os segredos de fundo de vida  
eu os quero penetrar  
nesta comunhão de ti.

Porque há tanto escondido  
e as formas dizem tão pouco.

## CANTIGA

Lila Ripoll

Distráio-me a olhar a rua  
e a noite iluminada.  
Só minha janela é escura  
dentro da noite estrelada.

Distráio me a olhar a rua.  
que é fita larga e comprida.  
Triste ofício êste de olhar  
sem tomar parte na vida.

Os poetas cantam, não choram.  
Por isso estou a cantar.  
Se às vezes a voz é triste,  
é porque o peito cansado  
geme em vez de suspirar.

Suspiro, verso, saudade,  
tudo música afinal.  
Eu canto porque suspiro,  
suspiro pra não chorar.

Sei que com o meu ofício,  
que é o ofício de cantar,  
posso semear esperanças,  
posso o futuro plantar!

Que póde sonhar um poeta,  
sinão repartir venturas?  
Poeta, irmão, sonhemos juntos  
um mundo sem amarguras

Sonhemos juntos, plantemos.  
A terra está como um fruto  
em pleno amadurecer.

Espalhemos nossos versos,  
como quem joga sementes  
para a terra devolver.

Pôrto Alegre



## PARALELO

J. M. Fontes

As máquinas, oleadas,  
Dormem no bôjo da fábrica,  
Brunidas, reluzentes,  
Prontas para o outro dia.  
Mas mesmo assim parecem tristes, e cansadas.

Amanhã rodarão de novo,  
Falando alto e grosso,  
Ou lançarão para o ar vivas e váias estridentes,  
Cantarão alelúias de metal,  
Abafando o planger de corações esmorecidos  
— Amanhã — depois — e sempre.

Dorme no chão do casebre  
O escravo da fábrica;  
E, de tão fatigado, não tem tempo  
Para estar triste.  
— Já desgastado para o Dia de Amanhã.

ARACAJU — Sergipe

## PORQUÊ

Noémia de Sousa

Porque é que as acácias de repente  
floriram flores de sangue?

Porque é que as noites já não são calmas e doces  
porque são agora carregadas de eletricidade  
e longas, longas?

Ah! porque é que os negros já não gemem,  
noite fora,  
porque é que os negros gritam  
gritam à luz do dia?

Luanda

XI/49.



TROPA NEGRA

Mário Antônio Fernandes de Oliveira

Lançaram fogo à cubata  
onde nasci  
e destruíram meu campo  
de mandioca.

Daí a minha farda  
e este barrete vermelho  
e esta espingarda na mão

e o desamor da terra  
em mim criado!

Luanda — Angola

## O SÍMBOLO RELIGIOSO NA ARTE PRIMITIVA

Grandemente usados pelas antigas religiões, os símbolos, muitas vezes classificados erroneamente como arte, sem que se lhes dê o verdadeiro valor de representação visível da divindade, são os responsáveis pela profusão de desenhos e decorações de objetos oriundos de culturas primitivas. A emotividade provocada pela forma, está em estreita união desta com as idéias da cultura a que pertence. Em outras palavras: Não só a forma artística é emotiva; as idéias, os mitos e as crenças de seu criador influem largamente no sentido emotivo do belo. Na feitura de um objeto, o artista primitivo dava-se ao trabalho de dedicar todo o seu tempo e virtuosismo técnico, grandemente relacionados entre si, para um resultado satisfatório. Tal fato se observa com mais frequência nas culturas uni-industriais. As canastras, obras de cestaria dos índios californianos, já citadas em artigo anterior, são exemplos perfeitos disso. Os adornos de conchas, contas e plumas são secundários. Essa cultura californiana é uni-industrial: todos os seus utensílios são feitos num alto desenvolvimento da arte cesteira.

Quando estudamos a Arte Primitiva, o fazemos com a influência da época em que vivemos e, muitas vezes o que tomamos por obra feita unicamente para um simples prazer estético, tem como finalidade primordial, a necessidade a que se impunha o artista de fazer sua obra e fazê-la bem, dedicando todo o seu tempo e talento para o bom êxito da tarefa cuja finalidade era utilitária. "Tampouco el hombre precolombino crea el arte por el arte; también el persigue en la creación artística el propósito de traducir al lenguaje de la forma plastica su sentir religioso", (Paul Westheim — Arte Antigo de México). O resultado de seu trabalho é o que chamamos uma obra de arte. É claro que depois de concluída, seu autor terá satisfação em admirá-la e mesmo em criticá-la. Terá prazer em contemplar seu trabalho e, por que não dizermos Prazer Estético? Se o autor ou qualquer outro admira ou critica uma obra, fatalmente terá emitido um Juízo Estético.

A Arte Primitiva das culturas americanas, é quase que exclusivamente de origem religiosa, mais acentuada nos exemplos legados pelas culturas da América Central e do Altiplano Andino.

A obra de arte sobrevive por si mesma, afirma-se. Se ela realmente tem valor, não desaparecerá. Entretanto os objetos de determinada cultura podem ser encarados como obras de arte somente agora. Entende-se que na época em que foram feitos, suas finalidades eram outras bem diversas do simples desejo de fazer arte... Pode-se dizer que devido a isso, o autor primitivo não teve seu nome imortalizado, não dava importância de ligar seu nome à sua obra; havia uma necessidade muito diversa, na qual ele figurava somente como um dos elementos criadores. Citemos as obras da América Pré-Corteziana. Não existe uma só, a qual tenha o autor seu nome associado. Alguns autores classificam as peças dessas culturas como o resultado de uma Arte Coletiva, isto é, vários artistas trabalhando numa só obra, cuja finalidade era outra bem diversa da finalidade artística. É bem verdade que ainda são raros os dados que possuímos a respeito dessas culturas. Os raros códices que escaparam à sanha destruidora dos Conquistadores, a escrita hieroglífica, que ainda hoje desafia a capacidade do moderno filólogo, talvez venham a esclarecer este ponto. Porém, a resposta mais sensata, mais certa, seria a necessidade religiosa. Era mais importante o símbolo religioso, dando forma visível à entidade divina, do que a necessidade de se fazer simples obras de arte, cujo fim seria o prazer exclusivamente estético.

Não se pode dizer que a Imagem de Xipe Totec, revestindo a pele



de um sacrificado seja uma obra de arte feita por um artista primitivo desconhecido, para proporcionar prazer estético. Ao contrário, a importância máxima era fazer uma imagem do deus da colheita do "maiz". Essa imagem está relacionada com a magia da fecundidade. O sangue era necessário para a fertilização da terra, já que aquele era considerado, de certa maneira como a vida em si. A pele do supliciado revestindo a imagem do Xipe Totec, era o resultado da fertilização — uma colheita abundante. Esse ritual de fertilização da velha deusa Coatlicue (a terra), deve ter origem num culto agrário bastante primitivo que os Aztecas adotaram. Não era portanto o conceito de beleza que levava o Artista das Culturas Ameríndias a erguer seus templos e dar forma visível aos seus deuses — era mais importante o culto religioso.

"Para o homem primitivo não havia senão uma luta perene entre os deuses. Era a criação e a destruição, a sementeira e a colheita, o dia e a noite. Ele enfrenta indefeso a uma natureza que, no seu afã de destruição, com sua imprevisibilidade e sua falta de regra lhe deve parecer caótica" (Paul Westheim — op. cit.)

Seus deuses resumiam-se em criadores e destruidores e o homem estava à mercê deles. Assim como nasceu, morreria; sua vida corria um perigo constante.

Por isso, a magia, o conjuro mágico, os sacrifícios humanos ou não, tinham como finalidade fazer mudar as atitudes dos deuses ou agradá-los pela veneração constante e oferendas propiciatórias.

Para o Ameríndio a idéia do embelezamento das formas célicas não existia, como, por exemplo no Panteon Grego, onde os deuses e suas atitudes eram bem mais humanizados; já há muito haviam perdido seu caráter divino para se tornarem falíveis e humanos.

O símbolo religioso, isto é, a exteriorização de uma divindade através de signos cujas características encerrassem os poderes dessa divindade, teve grande desenvolvimento nas culturas précolombianas. Os símbolos Sigmoides, as Swásticas, ou ainda a Espiral representavam El Huracán, o deus dos ventos. O movimento giratório dos furacões que, para os Ameríndios era um deus que a par das destruições e mortes que causava, trazia as chuvas, os relâmpagos e os trovões, símbolos de fertilidade e de fartura, (notamos aqui o dualismo religioso ameríndio), deu origem a esses símbolos Sigmoides, Swásticas, Espirais simples, as famosas Greças Escalonadas tão comuns nos monumentos e decorações dos habitantes précolombianos da América Central. Não só nessa região se encontram tais símbolos; é de se notar que, em todas as regiões do globo onde são frequentes os furacões, tornados ou ciclones, encontramos esses símbolos as vezes em profusão. É a representação gráfica e digamos decorativa da divindade que preside os ventos.

Fernando Ortiz em sua magnífica monografia El Huracán su mitología y sus símbolos, fala nos chamados fundos cósmicos das decorações, especialmente de peças de cerâmica. Quase sempre são signos em forma de espirais, swásticas, ligados entre si. Esses fundos cósmicos simbolizando a divindade dos ventos, e outros signos que representam outras divindades presidentes de fenômenos naturais, são bastante difundidos em todas as culturas do mundo. "El arte precolombino pone un gran empeño en llenar por completo todas las superficies. Así como en la estructura cósmica no hay ningún vacío, no lo puede haber en la obra de arte". (Paul Westheim op. cit.)

Tão profundo era o espírito observador do homem primitivo, que em suas representações não podia haver os vazios que ele não via na Natureza. Era um espírito por assim dizer copiador; ele descobriu nas conchas dos caracóis (símbolo da fecundidade, onde se nota a relação entre a espiral e a fertilidade das chuvas trazidas pelos ventos), nos



anéis da serpente, nos cornos espiralados dos animais, nas curvas das plumas, e mesmo nas volutas da fumaça, o símbolo que lhe pareceu mais representativo do vento. Esse fenômeno cósmico era tão importante para os Ameríndios que eles acreditavam que o Sol era uma bola que os ventos empurravam em sua viagem pelo céu.

A Serpente Emplumada existente no templo de Quetzalcoatl é a mais perfeita representação do deus dos ventos conhecida. Afirma-se que no México, na província de Xicalango, Estado de Campeche, existe uma pequena cobra com uma pluma verde na cabeça e que, em certas épocas do ano, transforma-se em pássaro de plumas verdes, muito apreciado pelos índios daquela província. As plumas que saem do corpo da Serpente Emplumada, seu próprio corpo cheio de espirais e sigmas o carater voador que lhe é dado, talvez pela influência da serpente que se transforma em pássaro, é encontrado em muitos templos. Huracán, Kukulkán, Gukumatz, são alguns dos nomes dados a esse deus. "El Huracán, dios de una cabeza y una sola pierna, fué también simbolizado por la serpente. Qué es una sierbe sino un ser excepcional, compuesto de una cabeza y una sola pierna?" (Fernando Ortiz — El Huracan). O vocábulo Ciclone, do Grego Cyclon, significa Serpente Enroscada. Uma serpente enroscada é uma série de espirais e de se notar que a serpente é venerada ou temida em quase todas as culturas do mundo. Existem na Índia vários cultos à serpente, na Oceania ela também é venerada por certas tribus, etc. Portanto, as espirais não são tão raras na Natureza como dizem alguns autores, dentre eles Franz Boas em sua notável Arte Primitiva. Também E. A. Parkins em seu livro Pre-Históric Art, diz: "Nenhum ornamento simples parece ter tido maior atração como a espiral. Isto é de se notar ainda mais, quando consideramos que a espiral é rara na Natureza".

Para o espírito arguto do homem primitivo a espiral deixa de ser rara. Falto da capacidade de crítica científica, ele buscava a explicação do fenômeno na religião ou na magia. Ora, uma mentalidade mágica não pode admitir concepções científicas ou vice-versa, procurava preencher essa falta, com a compreensão mitológica do fenômeno.

Como os símbolos provocam maior reverência religiosa, são eles mais divulgados do que os deuses que representam. "As duas serpentes, que se enroscam no Rosto de Tlaloc, ao redor dos olhos, nariz e boca, em algumas representações, este signo conserva sua forma natural. A forma acrisolada, abstrata dos dois círculos ao redor dos olhos, tornaram-se o símbolo do próprio Tlaloc." (Paul Westheim, op. cit.). A importância mágica do símbolo, a caracterização visível da divindade possuidora de virtudes mágicas, dá aquele um caráter sério e divino, obrigatório no devido respeito aos deuses e à religião. O símbolo religioso, exemplificado na arte, existe em todas as religiões do mundo, antigas ou atuais: A Cruz, é o símbolo máximo do Cristianismo; a Estrela de David, é a representação mais importante do Judaísmo; o Crescente, representa o Mahometismo; A roda das Leis, é o símbolo máximo do Budismo, etc.

Para o homem primitivo, profundamente mágico-religioso, já que as explicações dos fenômenos eram buscadas na magia ou na religião, o símbolo adquiria o poder da divindade ou da força cósmica por ele representada. Sua Arte, sua decoração era totalmente religiosa. Existiam, está claro, as obras profanas, mas utilitárias, isto é, objetos de uso cotidiano, onde os desenhos e pinturas eram simplesmente decorativos. O culto dos antepassados, é, sem dúvida, uma religião, das mais, senão a mais antiga. Exemplifiquemos com a arte dos índios da Califórnia. Todos os seus objetos de uso diário, bolsas, caixas, canastras e ate pratos eram peças de cestaria. As canastras, finamente decoradas, confecio-



nadas com a perfeição que só um virtuosismo técnico e artístico permittem, eram destruídas em homenagem aos mortos. Eis aí, uma associação da arte profana com a arte religiosa. Portanto, uma reafirmação de que, na esfera primitiva, a arte é sempre utilitária.

Não era unicamente a busca do belo que levava o homem a fazer obras que consideramos arte; o sentimento religioso agia com maior intensidade, e tampouco os que as viam, olhavam-na como beleza plástica ou por puro gozo estético; reverenciavam-na como representação da divindade. É bem provável, entretanto, que quem as visse, tivesse prazer em admirá-las como a representação perfeita ou quase perfeita de determinada divindade, assim como êle a imaginava ser. Esse prazer, é realmente estético. Se por acaso alguém em nossa época não vê beleza plástica nas esculturas Ameríndias, a culpa não cabe ao escultor e sim à concepção de arte de nossos tempos. Nem todos admiram as obras de Picasso; muitos a abominam a escultura moderna. Se bem a concepção de beleza varie muito, na arte primitiva, tôdas as obras possuem um atrativo especial, uma beleza plástica derivados da necessidade de exteriorização das emoções e crenças religiosas do seu autor ou autores.

Os Andaquis, tribu Sul Americana habitante do Alto Madalena, deixaram monumentos de pedras, tôdos de carater religioso. Esses monumentos são testemunhas de um gráu relativamente avançado nas artes religiosas. Não se deve porém afirmar categoricamente que só a religião e a magia são os responsáveis pelo desenvolvimento artístico do homem primitivo, porque o sentimento estético sempre existiu em todos os povos, em tôdas as culturas. Não fôra isso, a influência religiosa não teria tido tanta receptividade nas artes. Sem um senso artístico e estético, o homem jamais poderia deixar tantos monumentos, tantas imagens e templos, marcos imperecíveis de seu sentir religioso.

Falei em artigo anterior, embora rapidamente, acêrca das máscaras. Raros são os povos primitivos que não tenham conhecido e usado a máscara. Ela é parte integrante do culto dos antepassados, do culto dos mortos, tinham um papel preponderante nos rituais mágico-religiosos, e eram, finalmente, amuletos de grande poder.

No ato de usar a máscara, a personalidade que ela representa, reveste quem a usa. Existe nisso, de um certo modo, um dualismo que será explicado mais adiante. A força mágica, espiritual e física do representado pela máscara passa totalmente para o seu portador, ocorrendo então uma mudança radical de personalidade. O personagem representado pela máscara, adquiriu vida e forças próprias, assim como se encarnasse realmente num corpo físico. E, por outro lado, a pessoa que faz uso da máscara perde a personalidade por completo, embora não perca os poderes físicos e espirituais. Existe uma união das forças do representado e do representante. Se por exemplo a máscara representa um antepassado, êste encarna seu portador, e suas faculdades físicas e mágicas se passam para o homem, havendo uma fusão de poderes e uma troca total de personalidade.

"La máscara que enviste su portador de una personalidad más elevada, es también un médío de protección: talismán contra amenazas, peligros, influjos de otros poderes enemigos; su objeto es contrarestar esos enemigos". (Paul Westheim op. cit.) Os inúmeros achados de pequenas máscaras, vem reforçar a teoria do citado autor, do uso da máscara como talismã, como conjuro mágico. Sua força representativa de um ser mais poderoso que o portador, deveria ser suficiente para anular, repelir quaisquer perigos causados por inimigos ou forças de feiticiarias, bem como os danos que um morto lhe possa causar.

Pela observação apurada frequente no homem primitivo, os Mayas conseguiram fazer um calendário civil cujo ano tinha 365 dias e um ca-



lendário ritual. Não obstante êsse calendário, o ano civil só coincidia com o ano ritual de 52 em 52 anos. No dia em que havia essa coincidência de anos, os Mayas acreditavam que os demônios e os espíritos malignos estavam à solta e podiam causar mal às crianças e às mulheres grávidas. Temiam que as mulheres se transformassem em monstros para devorar seus próprios filhos. Entra aí o uso das máscaras como amuletos e disfarces. Elas serviam para proteger e esconder o portador, evitando que o demônio ou espírito mau lhe causasse dano, ao mesmo tempo que o obrigava a procurar sua vítima noutra lugar.

O temor religioso do homem primitivo, especialmente do Aineríndio, com sua crença dualística, não conseguindo portanto uma contemplação serena da divindade ou das forças cósmicas, incutia-lhe a necessidade de usar a máscara na representação ritual, no culto aos mortos, aos antepassados, no conjuro mágico, e finalmente como disfarce e dualização de personalidade.

A concepção que o primitivo faz do Universo e da Natureza que o cerca, é o fundamento, a base em que se firmam suas crenças religiosas. De todos os modos, êle se sente envolto por considerações de forças superiores. O primitivo não concebia essa divisão entre o real e o irreal que conhecemos e adotamos. Para êle o mundo irreal é uma espécie de continuação do real. O sonho por exemplo, era a continuação da vida desperta. Se, por exemplo um primitivo sonhasse ter matado uma boa caça, era certo que, ao despertar, êle procurasse alguns amigos para irem em busca do corpo do animal. Nada mais natural portanto, numa cultura dêsse caráter, a profundidade da influência religiosa nas artes. Para o homem précolombiano, cuja cultura era tipicamente dêsse quilate, a arte representativa dos poderes cósmicos, tinha, de qualquer maneira, ser perfeita. As imagens dos deuses, seus símbolos significavam, não representavam somente. O Homem caçador, cujo futuro resumia-se no amanhã, não carecia tanto de divindade como o agricultor. A evolução social e econômica inclui uma evolução relativa no campo religioso. O agricultor, cujo futuro vai até a época da colheita ou além, era obrigado a crer em entes superiores, que cuidassem do cultivo, do crescimento e amadurecimento dos grãos, protegendo-lhes contra sua destruição por forças cósmicas malévolas. Adotaram os raios e os trovões como seres benévolos que traziam a chuva indispensável às plantas. Temiam os ventos, e portanto os adoravam, esperando assim agradá-los e fazer-lhes com que trouxessem os outros fenômenos fertilizantes. Para proteger seus campos, êles tinham de saber quais os fenômenos favoráveis e desfavoráveis ao crescimento dos grãos. Viram que tais fenômenos eram mais ou menos regulares, o que os fazia crer na existência de seres superiores, bons ou vingativos, que regiam êsses fenômenos. Adoravam as forças da natureza não como os deuses em si, mas como representação visível das divindades. Por isso, os símbolos representativos das entidades regentes dos poderes cósmicos são tão divulgados nas artes primitivas. Pelas observações dos fenômenos, das fases da Lua, dos movimentos do sol, fizeram um calendário, dos mais exatos. Ergueram seus templos a êsses deuses poderosos e vingativos, adotaram os sacrifícios humanos, e com êles os ritos cerimoniais que, com o passar dos tempos, tornaram-se mais complicados e mais aparatosos, exigindo imagens, e templos. Das crenças mágicas surgiu a religião, e da religião ergueu-se uma arte cujos monumentos perduram até os nossos tempos, resistindo aos mesmos fenômenos cósmicos em cuja honra foram feitos.

Edmond Jorge



VIDA DE UM CLUBE DE GRAVURA



Linoleogravura de Regina Yolanda (do Clube de Gravura do Rio).

## O CLUBE DE GRAVURA DO RIO DE JANEIRO

### Fundação, objetivos, organização:

O Clube de Gravura do Rio de Janeiro foi fundado graças ao grande movimento em torno da arte da gravura que por volta de 1952 se processava em todo o país e, principalmente, graças ao entusiasmo suscitado pelo Clube de Gravura do Rio Grande do Sul que, no momento, ia fazer a sua primeira exposição no Rio. A data exata de sua fundação: 7 de Setembro de 1952.

O principal objetivo de um clube de gravura é difundir a arte da gravura, unindo os artistas e proporcionando material e aulas a todos os que queiram gravar.

O Clube de Gravura do Rio de Janeiro congrega em torno de si dois tipos de sócios: os contribuintes e os artistas.

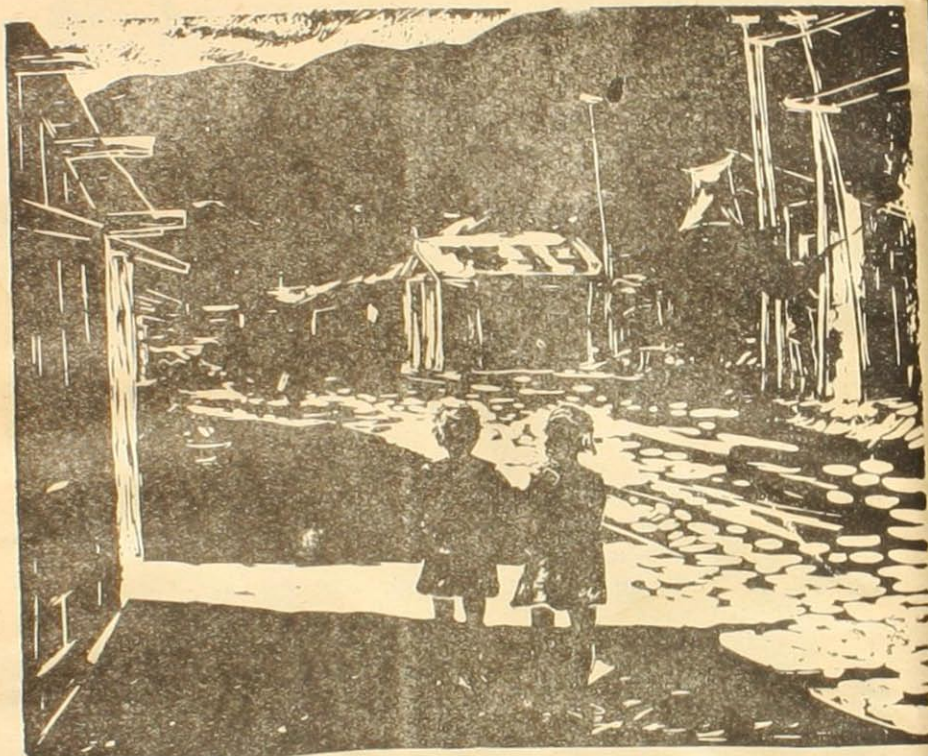
Os sócios contribuintes recebem mensalmente uma gravura mediante a contribuição de Cr\$ 50,00. Os sócios artistas reúnem-se, pelo menos, uma vez por semana para discutir assuntos internos do clube e criticar os trabalhos que são apresentados. No fim de cada mês é escolhida, mediante voto, a gravura a ser editada, pela qual o autor recebe Cr\$ 500,00, dez cópias e um álbum completo das gravuras até então editadas. Por essa ocasião é feito um balanço de receita e despesa, apresentado pelo tesoureiro, e, em reunião dirigida pelo presidente, são combinadas as tarefas (procura de novos sócios, organização de exposições, compra de material, etc.) a serem realizadas pelos sócios artistas no mês seguinte.

Anualmente elege-se uma diretoria; a atual está assim constituída:

Presidente	:	Percy Deane
1º. Secretário	:	Hugo Mund. Jr.
2º. Secretário	:	Raquel Strosberg
Tesoureiro	:	Regina Yolanda
Dif. Cultural	:	Arydio X. da Cunha

A primeira série acaba de ser encerrada com do-





Linoleogravura de Chião Deveza (do Clube de Gravura do Rio).

ze gravuras editadas. Em Setembro será realizada a primeira exposição de trabalhos dos artistas do Clube de Gravura do Rio de Janeiro. Já foram realizadas duas exposições: uma de gravuras mexicanas e outra de gravuras do Clube de Gravura do Rio Grande do Sul.

O Clube está empenhado agora em conseguir uma sede própria onde todos possam trabalhar em conjunto. Já foi aprovada pela Câmara Municipal uma verba de Cr\$ 50.000,00 de auxílio.

### Algumas experiências de trabalho em conjunto

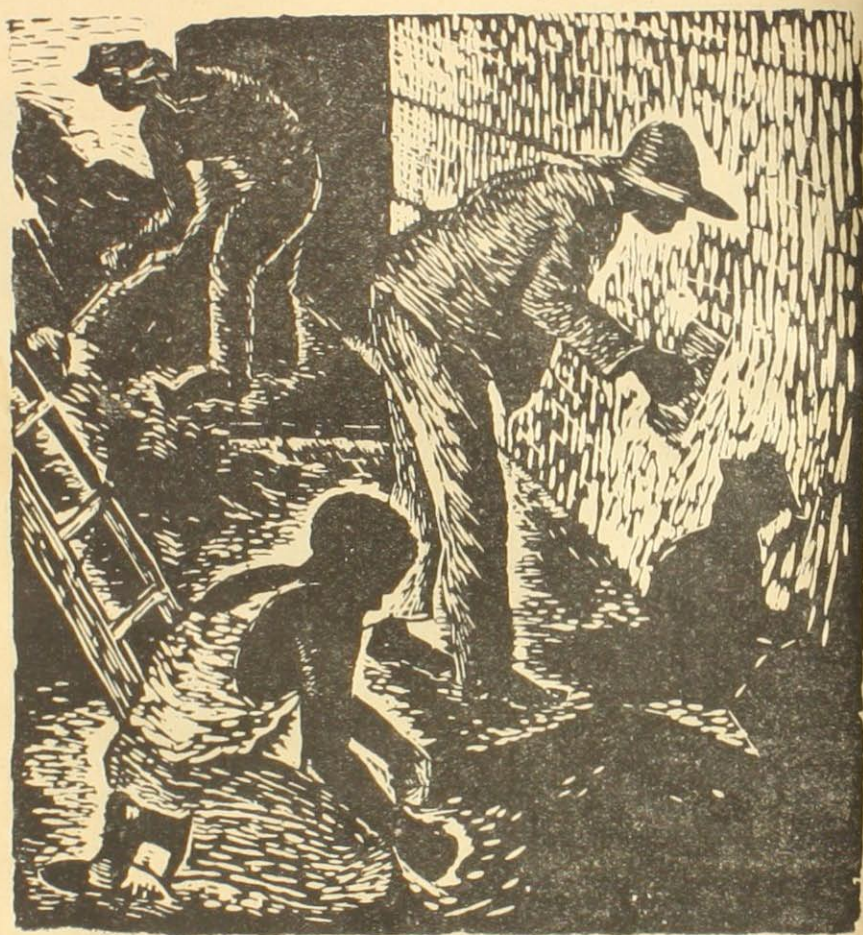
Os artistas do Clube de Gravura do Rio de Janeiro pretendem realizar uma arte realista, voltada para a vida de sua cidade e que reflita os seus problemas, os seus costumes e as suas belezas. Para isso, uma vez por semana no mínimo, saem em conjunto para desenhar nas favelas, nas construções civis, no cais do pôrto, nas colônias de pescadores, nos grupos de danças populares, enfim, em todos os lugares onde a vida carioca se mostra mais característica.

Por outro lado não descuram de seu aprendizado profissional e quando não formam grupos de estudos (para aprender anatomia, perspectiva, história da arte, e para desenhar modelo vivo e fazer cópias dos grandes mestres) procuram se ligar aos estabelecimentos de ensino de arte, como a Escola Nacional de Belas Artes, a Escolinha de Arte, etc. De um modo ou de outro cada artista procura desenvolver mais e mais as suas aptidões.

Mas, e isso é comprovado pela prática, onde mais os artistas podem aprender é nas reuniões semanais onde as gravuras são criticadas em conjunto de forma a auxiliar o próprio gravador. Há um desejo fraternal dos artistas de se ajudarem uns aos outros. A experiência tem mostrado que só com uma crítica construtiva e sincera é que se pode ir para a frente.

Em resumo: o que se nota é que o trabalho em conjunto é a melhor forma de um artista se desenvolver pessoalmente. Que se reúnam os artistas, que discutam os seus problemas e os seus trabalhos! Não há forma melhor de superar pequenas deficiências que muitas vezes entravam uma vida inteira,





Xilogravura de Raquel Strosberg (do Clube de Gravura do Rio).

## ALMA Y CANCIÓN DE ANDRES ELOY BLANCO

Trabajo leído por su autora en el homenaje rendido en el Paraninfo de la Universidad de San Andrés — La Paz — Bolivia, el 3 Junio de 1955.

En el Firmamento de nuestra América India ha nacido una Estrella. Una Estrella luminosa que vibra sobre nuestras pupilas de indoamericanos.

Ha nacido una Estrella, y es el Alma y es la Canción del gran venezolano ANDRES ELOY BLANCO. Viene con su espíritu lleno de fe. Nos dá la emoción de su Vida agitada y visionaria por la felicidad de nuestros pueblos huérfanos de justicia.

Todo nacimiento arranca dolor. Ese dolor es el que nos embarga en esta hora. Esa distancia de la Estrella, que quisiéramos alcanzar y no podemos. Sólo vemos que alumbra nuestras mentes y nos señala, las pautas dejadas en el delicado bordado de sus letras sonoras, donde su afán y su alma nos cantan.

Ahora que está lejos, es cuando su alma está más cerca. Ahora que hay llanto en tantas pupilas de madres. Que hay tanta angustia en la juventud de América. Que las cárceles están abiertas para los idealistas. Que las fronteras se cierran para los hijos de nuestras tierras... Ahora, que se impone el peso del oro, al peso del Alma-Estrellas, es cuando necesitamos de su luz, que irradie con fuerza sobre nuestros ojos y, su palabra busque los cortos senderos de la comprensión civil de nuestro pueblos.

\* \* \*

El recuerdo vibra nuevamente sobre nuestros corazones y escuchamos su cálida voz, en un 5 de Julio de 1947, cuando Presidía la histórica Asamblea que sancionaba la Constitución del Estado Venezolano, decía democráticamente.

"Nación el Sufragio Universal. Contiene las más avanzadas providencias en legislación del trabajo. Contiene lo más nuevo en la Defensa Social. Tiene un regazo para el niño de Venezuela y, para que tuviese el tronco y el estilo maternal, padrais hallar en ella, entre una moción de la Representante Fermín, un desvelo de la Representante Seavedra y un artículo de la Representante Lucilla Palacios, y en un esfuerzo de cada una de sus compañeras, la puntada de amor el calce de ternura, que por primera vez en nuestra historia, puede dar la mujer venezolana, para que la ley de los hijos, naciera en las rodillas de la madre..."

Ahí está, el alma integral del patriota, Ahí está, la visión demo-



crática. Ahí está la voz justa del legislador. Ahí, tenéis al HOMBRE DE AMERICA!!!

Escuchemos ahora su Canción. Su Alma-Estrella.

El pueblo canta en su voz. El pueblo siente sus vibraciones almáticas. El poeta canta... Canta para el pueblo, para la raza, para el hijo en ofrenda idealista. Y canta también a la renunciación del ideal incomprendido. Quiere encontrarse asimismo. Humanar el sueño y halla la cumbre en su poema LA RENUNCIA:

"He renunciado a tí serenamente  
como renuncia a Dios el delincuente.  
He renunciado a tí como el mendigo  
que no se dea ver del viejo amigo.  
Como el que ve partir grandes navios  
con rumbo hacia imposibles y viejos continentes.  
Como el perro que apaga sus amorosos bríos  
cuando hay un perro grande que le enseña los dientes.  
Como el marino que renuncia al puerto  
y el buque errante que renuncia al faro,  
y como el ciego junto al libro abierto  
y el niño pobre ante el juguete caro.

.....  
Yo voy a mi propio nivel, ya estoy tranquilo  
Cuando renuncie a todo seré mi propio dueño.  
Desbaratando encajes regressaré hasta el hilo  
la renuncia es el viaje de regreso del el sueño".

\* \* \*

Y cuando deja caer su ternura para el realismo, su lira está templada para el canto de la raza:

"Pintor de santos de alcoba — Pintor sin tierra en el pecho  
que cuando pintas tus santos — no te acuerdas de tu pueblo.  
Y cuando pintas tus vírgens — pintas angelitos bellos  
pero nunca te acordaste de pintar un ángel negro.

Pintor nacido en mi tierra — con el pincel extranjero.  
pintor que sigues el rumbo — de tantos pintores viejos,  
aunque la Virgen sea blanca — píntame angelitos negros.  
No hubo pintor que pintara — angelitos de mi pueblo,  
ángel de buena familia — no basta para mi cielo.  
Yo quiero angelitos rubios — con angelitos trigueños.  
Aunque la Virgen sea blanca — píntame angelitos negros.

Si queda un pintor de santos — si queda un pintor de cielos  
que haga el cielo de mi tierra — con los tonos de mi pueblo:  
con sus ángeles catires — con sus ángeles trigueños  
con sus ángeles blancos — con sus angelitos negros.  
Con sus ángeles de perla fina — con sus ángeles de medio pelo  
que vayan comiendo mangos — por las barriadas del cielo.

Ygual que pintas la tierra— así has de pintar tu cielo  
con un sol que tuesta blancos — con un sol que tuesta negros  
porque para eso lo tienes — calentito y de los buenos.  
Aunque la Virgen sea blanca — pintame angelitos negros."

\*\*\*

ANDRES ELOY BLANCO, nació en Cumaná, Venezuela en 1897. En 1916 obtuvo el Premio Nacional de Poesía en los Juegos Florales de Caracas. En 1923 alcanzó el Primer Premio en el Concurso de poesía de la Academia Española. Ha viajado por Europa y América. Su estro poético vibró siempre en las fuentes populares de las tierras venezolanas. América toda ha sabido recoger esta expresión de su alma, por que es la emoción de nuestro ancestro.

En esta hora de distancia en que el dolor nos despierta, busquemos en ANDRES ELOY BLANCO, su Alma-Estrella, que está vibrando en la Cumbre de esta América Morena!!!

Etelvina Villanueva y S.  
La Paz — Bolivia

#### POETA

Santiago do Chile, junho — Na imprensa e no Congresso do Chile tem recebido várias homenagens Andres Eloy Blanco, um homem que morreu atropelado, outro dia, no México.

Eloy Blanco nasceu em 1897 em Cumaná, Venezuela, foi poeta romântico, e em Caracas juntou-se aos estudantes que combatiam a infundável ditadura de Gomez. Fêz sucesso como poeta, andou preso, e, quando Gomez morreu, foi um dos fundadores do Partido Ação Democrática, com Rómulo Betancourt. Vereador de Caracas em 1937, deputado em 41, presidente da Constituinte em 46. Em 48 seu velho amigo romancista Rómulo Gallegos foi eleito presidente da República, e Eloy Blanco foi seu ministro de Exterior. Estava em Paris, na Assembléa Geral da ONU, quando um golpe militar derrubou Gallegos; exilou-se primeiro em Cuba, depois no México, onde morreu em maio deste ano. Deixou vários livros, e dizia de si mesmo: mais que político, sou poeta; um poeta emprestado à política em nome da responsabilidade do pensamento".



Uma sua famosa elegia "A un Año de Luz", escrita por ocasião da morte de sua mãe, foi há pouco "adaptada" (sem citação de seu nome) pelo jornal "Clarín" de Buenos Aires no aniversário da morte de Eva Perón, o que levantou vários protestos.

Eloy Blanco fez vários poemas que foram musicados. Um deles, muito conhecido na América Espanhola, Chama-se "Píntame Angelitos Negros", e foi aproveitado por um bolero. Uma negra lamenta a morte de seu filhinho. Vou transcrever alguns versos, todos de sete sílabas:

"Se me murió mi negrito, Dios lo tendría dispuesto; ya lo tendrá colocado como angelito en el cielo Desengáñese, comadre, que no hay angelitos negros. Pintor de santos de alcaoba, pintor sin tierra en el pecho, que cuando pintas tus santos no te acuerdas de tu pueblo, que cuando pintas tus vírgenes pintas angelitos bellos, pero nunca te acordaste de pintar un ángel negro; pintor nacido en mi tierra, con el pincel extranjero, pintor que sigues el rumbo de tantos pintores viejos, aunque la Virgen sea blanca, píntame angelitos negros".

O poema é longo, este é apenas um pequeno trecho. Mas penso que éle basta para que o leitor também lamente a morte de um poeta exilado que se chamava Andres Eloy Blanco.

R. B.

(Crônica de Rubem Braga, transcrita do jornal "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, do dia 2 de julho de 1955).

A. BOOS JR.

Foi numa manhã de inverno que o Escritor acordou bem disposto. Olhou com satisfação os vidros embaciados, sentiu o arzinho frio que afugentava o sono. Levantou-se rápido, rumou para o banheiro, com firme disposição para iniciar o conto que, há uma semana, vinha tomando corpo em sua imaginação. Enquanto preparava o café, limpou um dos vidros da janela. O quintal desvendou-se à sua frente, intocado de sol, com uma limpeza só exibida em dias de inverno. Acendeu um cigarro, esqueceu o café. Ficou olhando o quintal: calma e beleza!

Principiou o conto. Aquela disposição diminuira um pouco, cresciam as suas limitações. O que estava bem alinhavado na cabeça, desmantelara-se. Achou mais aconselhável modificar o início. Transmitir a sensação de calma e beleza. Começou a escrever, calmo e consciente do que fazia. Alinhava a frase na imaginação, depois colocava-a no papel. Caprichava na letra, evitando emendas e borrões. O tempo corria, e o conto era apenas questão de remate. O Escritor tentava achar uma frase que correspondesse à sensação de calma e beleza. Na realidade, a vontade era transcrever todo o conto, colocar a narrativa naquele quintal ainda desconhecido pelo sol.

Súbitamente, ouviu-se um som de trombetas. Havia um chamado definitivo naquele som. O Escritor parou de escrever, ouvindo o toque se repetir na manhã parada. Tão claro, tão significativo, que ele não teve dúvidas: vestiu o paletó e ganhou a rua. A princípio, ficou um pouco atordoado, não sabendo que rumo tomar. Solteiro, acostumado à solidão, perturbou-se com aquele movimento desusado. Pessoas passavam correndo, alvoroçadas como baratas em noite de vento sul. Um atravancavam-se dentro das casas, chorando e gritando; outras dirigiam-se, apressadas, para o centro da cidade. O Escritor seguiu-as. Um sol pálido de inverno banhava as coisas abandonadas na rua: balaões de compras, chapéus, capotes atravancavam as calçadas...

Na esquina, lembrou-se que esquecera cigarros e fósforos. Entrou numa padaria: ninguém. Tirou um maço de cigarros da prateleira, custou a achar os fósforos. Depois, acabou deixando o dinheiro em cima da registradora. Saiu com a sensação da honestidade definitiva. Eram oito horas da manhã. Novamente na rua, viu os primeiros anjos. Passaram velozes, de jeep, as asas brancas arriadas no banco trazeiro. "Lindos!" pensou o Escritor. A multidão, agora mais ordenada dirigia-se para o centro. Nos rostos ainda se viam uns farrapos de espanto. Desejando aproveitar o máximo, o Escritor retardava seus passos, espiando dentro das casas, dos jardins. Esquecimentos imperdoáveis: rádio ligado, chaleira fervendo, banheira transbordando...



Na frente do Ginásio, dois anjos organizavam os padres em colunas por dois. Desfiavam seus rosários, aparentando um ar de confiança. Mais atrás, vinham os internos, alguns ainda com uniforme de futebol. Todos cantavam.

“Queremos Deus, homens ingratos!  
Dá paz suprema ao Redentor!...  
Zombam da fé os insensatos;  
Erguem-se em vão contra o Senhor!...”

Os mais moços choravam, com medo não sabiam de que. Entre os padres, o Escritor reconheceu antigos professores, e adivinhou que, aquele ar de confiança, não era deles. Os anjos eram obesos, ainda que saídos. Moviam-se desajeitados, entortando as sandálias nas pedras do calçamento. Assim, de camisolas azuladas, as pesadas asas caídas ao longo das costas, provocaram no Escritor o pensamento de que o ócio atinge até os bem-aventurados.

Estranhos, paisanos, procuravam engrossar o batalhão dos padres, cantando sempre

“Queremos Deus...”

O anjo que ia na retaguarda, advertiu

— Bajular não adianta mais!...

— Somos fiéis também — disse um velhote, de colete e corrente de ouro — se eles cantam, nós também o podemos!...

— Bah! — fez o anjo — eles cantam por hábito...

O batalhão dos padres prosseguia o seu caminho, bem alinhado como se estivesse fazendo exercício de ordem unida. O Escritor gosava o espetáculo, estranhando o ar de enfado que os anjos traziam no rosto. Os padres faziam questão de manter uma perfeita ordem no pelotão, mostrando a necessidade da disciplina para se atingir a Eternidade.

Outro jeep passou, veloz, com dois anjos dentro dele. Novamente a estranha sensação de que as asas pertenciam ao jeep, e não aos anjos. Uma criança olhava, espantada, aqueles seres esquisitos de asas e camisolas. E cantava também

“Queremos Deus...”

Um cachorro precipitou-se para dentro de um açougue: a carne inútil, pendurada nos ganchos, oferecia-se e ninguém a queria. Alguém esquecera o automóvel com o motor ligado. Gente continuava gritando e chorando. Alguns, mais exagerados, rolavam no chão, batiam no peito e puxavam os cabelos. Outros exibiam ar de bem-aventurança, proclamau-

do que tinham sido justos, muito justos. Os tardiamente arrependidos distribuíam esmolas enormes a mendigos que já não precisavam mais delas. E todos cantavam

"Queremos Deus..."

Chegaram, finalmente, ao centro da cidade. Uma fila imensa estendia-se da figueira até a ponte Hercílio Luz. Ante o olhar confuso dos padres, o anjo da retaguarda foi avisando

— Entra na fila! Não adianta discutir!...

Um padre alto, de cabelo esquisito e fala atrapalhada, dirigiu-se ao anjo, entre submisso e maneiroso.

— Permita-me, senhor: somos pastores... — puxava nos "rr" e esfregava as mãos vermelhas e cabeludas.

— Somos, vírgula! Eram! — e ante o olhar interrogativo — ninguém é mais nada: todo mundo foi!...

"Bem, eu fui um contista" refletiu o Escritor, dirigindo-se resignado para o fim da fila. Lamentava, apenas, não poder aproveitar todo o material existente ali, à sua mão. De espaço a espaço, os anjos advertiam

— Façam fila, tenham paciência! Serão julgados ainda hoje! Calma!...

Quando o Escritor alcançou o final da fila, esta estava justamente na cabeceira da ponte. Os boatos ferviam

— O Bispo ofereceu a casa dele...

— Pode ser, mas Ele preferiu a figueira...

— Sempre gostou da nossa figueira... — proclamou um baírrista.

O tempo passava, e a fila não se mexia. Meio-dia. Sentado na beira da calçada, o povo esperava. As conversas haviam esmorecido, ninguém cantava mais. Os padres confabulavam em latim, como se tramassem uma chave para a vitória final. Muita gente gemia de fome e sede, lastimando os balaios que haviam abandonado pelo caminho. Uma velha lamentava

— Setenta mil réis de tainha...

Tinham fome, mas não queriam perder o lugar na fila. O Escritor, debruçado no parapeito da Alameda, olhava os navios abandonados no porto. Silêncio. As casas vazias, as chaminés sem fumaça. Tédio. Um anjo perguntou para outro

— Já trouxeram os arquivos?...

Uma prostituta impacientava-se. O Escritor olhou-a com simpatia instintiva: sua vida solitária aceitava criaturas assim. Colocava seus pensamentos em tempo passado, já que não esquecia a advertência do anjo

— Ninguém é mais nada: todo mundo foi!...

A prostituta continuava equilibrando sua paciência em saltos sete-e-meio. Ia e voltava, não se afastando muito para não perder o lugar. Pediu um cigarro ao Escritor. Queixou-se



— Tô cansada, tchê... — antes um desabafo que uma reclamação. Tragou nervosamente. Vendo-a expelir a fumaça pelo nariz o Escritor comparou-a com alguma espécie de animal. Completou o pensamento: rijo e saudável. Achou que a mulher cairia bem no conto, que era sobre uma aventura num prostíbulo. Um homem triste contara uma história triste, as mulheres tôdas haviam chorado. A dona da pensão também se comovera, e mandara servir uma cerveja gratis ao homem triste. A fulana queria conversa

— Será que Ele perdôa mesmo?... — o Escritor pensava no conto inacabado. "Quanta coisa por fazer, meu Deus!" lastimou-se. A pergunta repetia-se

— Será que Ele perdôa?... Será?...

— Já perdôou outra... justificativa chôcha, descolorida: a preocupação da mulher continuou. Inutil dar esperança, consolar. Descobririam insignificâncias, detalhes cresciam. Inutil consolar com gestos ou palavras: provavelmente seriam todos condenados.

Um vira-latas quiz amar uma cachorra, ali mesmo no meio da rua. O povo, cansado e faminto, desabafou rindo a valer. Um padre pôs-se nervoso e quiz fazer um sermão. Um anjo cortou-lhe as voltas

— Vê-se te fecha e não enche mais! — um creoulo aplaudiu

— Bôa, velhinho!...

— Tú também: shut up!

Tédio. O Escritor pensava no conto inacabado. A prostituta ainda se amargurava

— Será que Ele perdôa, tchê?... — só os anjos mostravam uma atividade inexplicável, indo e voltando nos jeeps. Hábeis como motoristas de lotação.

Às quatro da tarde, começou a debandada. A princípio, discretamente; depois, sem preocupação alguma, o povo foi dando o fora. Alguns até aventuravam comentários audaciosos

— Quem quizer que vá me chamar em casa!

— Palhaçada!

— Vai ver que é onda comunista!... — disse alguém com convicção.

Por fim, a té os padres se retiraram, levando de reboque os internos. Anote-se que pediram licença aos anjos, alegando ocupações iradiáveis. Voltaram na mesma rígida formação, verificando-se até apreciável cadência nas passadas. Os anjos encolheram as asas e voltaram ao centro da cidade. Alguém arriscou outra piada

— Só volto se fôr por ordem alfabética!...

A prostituta e o Escritor acompanharam os anjos. Ela, porque ainda se mortificava

— Será qu<sup>e</sup> Ele perdôa mesmo?... — êle, porque queria ver o causador daquele reboliço todo.

A multidão voltava para casa. A vida normalizava-se: lojas reabriam, ônibus passavam repletos. Um alto-falante berrava "A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE PERDURA..." Muita gente queixava-se das esmolas que haviam dado. No caminho, encontraram dois guardas de trânsito, que haviam prendido um anjo. Rosado e trêmulo, o coitado entortava as sandálias e gemia

— A missão é divina...

— Não interessa: sem carteira não guia! — O povo gargalhava. O alto-falante continuava "...APRESENTE-SE CORRETAMENTE VESTIDO DEANTE DO CRIADOR! A PRIMEIRA IMPRESSÃO..."

O Escritor e a prostituta caminhavam em silêncio. Irmanados numa curiosidade frouxa, não sabiam comentar tudo aquilo. Apenas queriam conhecer quem ordenara o toque das trombetas. A prostituta alimentava esperanças.

— Vai ver que adiaram o trôço...

Em baixo da figueira, fiscais do governo multavam um homem barbado, de olhar manso e distante. Não acreditavam na história da distribuição de peixes e pães, e exigiam a licença da Prefeitura.



## O PRODÍGIO

Guido Wilmar Sassi

Nem bem eu completei cinco anos, mamãe resolveu ensinar-me as primeiras letras. Para sua grande surpresa, e também de papai, aprendi o abecedário logo no primeiro dia, formei palavras no segundo e escrevi sentenças inteiras no terceiro. Foi a mesma coisa com os números: somava e diminuía, com facilidade, ao cabo de duas semanas. Tempos antes, já havia eu dado demonstrações de precocidade, batendo nas teclas do piano de vovó e fazendo perguntas embaraçosas aos adultos. Agora, ao revelar tanta capacidade para aprender, trouxe-lhes uma preocupação. Reuniu-se o conselho de família, para decidir o que haveriam de fazer com o "gêninho". Resolveram matricular-me no grupo escolar. Como eu não tivesse idade suficiente, arranjaram com o diretor para que eu frequentasse as aulas de maneira extra-oficial. As professoras disputavam-me entre si e regalavam-me com guloseimas. Tornei-me o *ai-jesus* de todas elas, e aprendia, aprendia sempre. Em breve, já me levavam pela mão, peregrinando pelas classes mais adiantadas, para dar quinaus nos maiores. O diretor orgulhava-se muito de mim, e, como os outros não sabiam as lições, apontavam-me como exemplo, fazendo discursos: — Vocês não têm vergonha? Vejam só o Miguelzinho! Nem tem idade para frequentar escola e já sabe mais do que vocês. Vejam só".

Um ano ainda não se passara e minha fama já se havia alastrado pela cidade inteira. Tornei-me alvo da curiosidade do povo. Chamava a atenção, quando passava pelas ruas: um tiquinho de gente, carregado de livros, sabendo mais do que muita pessoa grande. As mães me mostravam aos filhos e muitos me faziam parar, para fazer perguntas ou propor problemas. Em casa, quando chegavam visitas, eu fazia mais sucesso do que a vitrola de vovó, o gato angorá de meu avô, as "novidades" de mamãe e os truques de cartas de meu pai. As visitas se embasbacavam diante da minha sabedoria. Vêzes sem conta, caindo de sono, estremunhado, obrigavam-me a resolver problemas, declamar versos e citar trechos de livros, para divertimento de meia-dúzia de pessoas importunas, que conversavam muito e me olhavam como se eu fôsse um bicho raro. Exclamações, olhares admirativos e meneios de cabeça se cruzavam na sala. Inteligente era um adjetivo muito sem força para me qualificar. Todos os comentários e elogios vinham em superlativos. Vovó, que na ocasião publicara um livro de poemas e colaborava nos jornais, se derretia todo com o êxito que eu obtinha, e costumava dizer:

— Tem a quem sair. Tem a quem sair.

No dia em que meu avô morreu, faltando lá em casa o de comer e o de vestir, minha vida tomou outro rumo. Papai e o trabalho eram inimigos, desde sempre. Papai vivia "encostado" no sogro, conforme co-

chichavam meus tios, dêle recebendo casa e comida. O pouco que nos entrava em casa era devido às habilidades de mamãe, nas suas compras e vendas. Vovó tricotava e papai, às vèzes, conseguia se arranjar "por fora". Papai jogava. Nas marés de sorte, a situação melhorava. Se batia o azar, só não passávamos privações porque vovó nos soçorria. Depois, com a sua falta, até a miséria conhecemos. Papai, como não podia mais se defender com o jôgo, vivia de "expedientes". Chegava em casa, lá de vèz em quando, com as magras comissões, produtos de suas intervenções em negócios de terceiros. Mamãe se lamentava muito. Ela e vovó passavam dias inteiros a chorar e lembrar faturas passadas. Mas nada disso enchia a barriga. Os vestidos de mamãe e vovó não aguentavam mais as cerzaduras, e o terno de papai estava cada vèz mais lustroso. Porém, o pior de tudo era a comida, pouca e ruim.

Sôlto dentro do casarão, eu passava os dias na biblioteca, remexendo nos livros e papéis que haviam pertencido a meu avô. Encontrei romances, matemáticas, atlas, dicionários, compêndios de geografia e de história e um livro que tratava da Revolução Francesa. Li muitos trechos da Bíblia e de Cesare Cantú. Uma vèz, na hora do almoço, pus-me a falar — como uma autoridade, achava papai — sôbre Robespierre, Danton, Marat, Maria Antonieta e Luíz XVI. Lembro-me da cena muito bem. Mamãe parou de comer. Arregalou muito os olhos, espetou o garfo no ar, e ficou, o gesto pensativo, a fitar-me longamente. Depois, disse para os outros:

— Eu tenho uma idéia. Vamos ver se dá certo.

Não sei o que êles combinaram, durante a longa palestra que tiveram então. Contudo, já no dia seguinte, puseram fim à liberdade que eu desfrutava. Ouvi papai dizer que daria um geito no dinheiro, arranjando-o com seu amigo. À tarde, mamãe traçou um horário, discriminando como o meu tempo seria empregado. Vovó deu balanço nos livros de meu avô, e depois saiu, dois dias seguidos, para comprar outros ou arranjá-los emprestados com os conhecidos. Na outra semana, três professores apareceram em nossa casa. E então, enquanto um dêles me ensinava piano e violino, os outros dois me faziam aprender coisas das quais eu nunca supusera a existência: álgebra, geometria, trigonometria, gramática, história natural, noções de engenharia, mecânica, física e química, um bandão de coisas. Fizeram-me ler os livros mais enfadonhos do mundo, de muitos, exigiam que eu decorasse trechos inteiros, indicando a página e a edição. Travei conhecimento com muita gente: Dante, Camões, Shakespeare, César — êsse em latim, Santo Deus! Eu não entendia nada, mas repetia tudo, que nem papagaio. Também começaram a me ensinar outras linguas: espanhol, francês, inglês e italiano, até esperanto. Tudo eu ia aprendendo ou decorando, com a facilidade que me era peculiar, e armazenando os conhecimentos mais variados.

Afinal, após muito ler e estudar, mamãe convocou uma reunião



dos professores. Sabatinaram-me perante a família inteira. Propuseram as questões mais intrincadas e fizeram as perguntas mais diversas. Creio que o exame durou três horas. Ao término, papai exclamou:

— Está no ponto! Não precisamos mais nada.

Então compreedi que iríamos viajar, pois mamãe começou a fazer os preparativos. Ficou resolvido que vovó iria conosco. E também, como um professor permanente, acompanhar-nos-ia José Luciano. Eu não gostava desse professor, por causa do seu cheiro de alho e das caspas que branqueavam no seu paletó. Mamãe também não o apreciava, taxando-o de bêbado. Contudo, como não cobrava caro e era inteligente e preparado, resolveu-se que nos seguiria, como uma espécie de secretário, mentor, vigilante e criador.

Minha estréia se deu em Curitiba. Antes mamãe e papai andavam pelos jornais e estações de rádio, fazendo a minha publicidade. Os programas e cartazes berravam o meu nome, em letras enormes, acompanhado dos seguintes dizeres: "A maior sensação do século. Fenomenal criança de seis anos, que deixa atônitos os mais eruditos professores. Conhece quatro línguas. Toca violino e piano. Resolve qualquer problema e recita qualquer trecho de história e literatura." Apresentaram-me ao público, depois da sessão de cinema. Só os trechos de Beethoven e Brahms bastariam para me consagrar. Quando viram que eu também resolvia equações e problemas difíceis, possuindo, além disso, um vasto vocabulário de outras línguas, conhecimentos gerais de história, geografia e outras ciências, o sucesso foi absoluto.

Perambulamos por várias cidades e visitamos as maiores capitais do país. Tínhamos programas diários em teatros, boates e estações de rádio. Todas as revistas se interessavam por mim, e os repórteres não nos deixavam em paz. Meu retrato saiu pelo Brasil e pelo mundo afora, de todos os tamanhos e maneiras.

Foi interessante a modificação que se verificou em minha família, com o completo êxito da minha carreira artística. Papai, que era tímido e apagado, agora falava com desenvoltura e fluidez. Adquirira um pouco de personalidade e desempenho, embora continuasse obedecendo as ordens de mamãe. Quanto a esta, só falava o português quando estávamos na intimidade. Se havia estranhos, ela amarrotava umas frases em castellano. Apesar de me apresentarem como "fenômeno brasileiro", ela achava que uma língua estrangeira impressionava mais. Quando saímos à rua, os curiosos nos rodeavam e faziam perguntas e comentários. Alguns punham em dúvida a minha idade, e minha mãe exibía documentos e provas. Fazia com que eu desse voltas e mais voltas, dizendo ao povo:

— Pero no. Pero no. Miren usteds. No es chiquitín? De verdad, De verdad.

Também as crianças nos cercavam. As mais desenvoltas tentavam

entabolar conversa comigo. Mas assim, meio de longe, como se tivessem receio. Eu, que nunca tivera convivência com crianças, não sabia o que responder nem o que lhes perguntar. Ficava tímido e desconfiado, desejando-lhes a presença e temendo-as, ao mesmo tempo. Maniãe, ao ver meu embaraço, exclamava logo:

— Habla com ellos, hijo mío. Contestales! Contestales!

Dai, se havia algum rapaz mais ósposito, perguntavam-me se eu gostava da cidade e se não queria brincar com eles. O quê é que eu poderia retrucar-lhes, acostumado que estava a só dar respostas a questões e coisas difíceis? Ficava tolhido no meio deles, sem jeito, sem assunto. Encabulado, me parecia que eles pertenciam a um outro mundo, muito diferente do meu. Apesar disso, uma coisa me cativava sempre: a burrice que eu encontrava neles, logo de saída. Uma simplicidade que eu admirava, uma burrice normal e sadia. Não cheguei a fazer amizade alguma. Meus contactos com outras crianças foram muito fugazes. So nos momentos em que saíamos a passeio eu as encontrava. Nem chegava a vencer a inibição e já tínhamos que seguir adiante. No quarto do hotel — no vazio e impessoal quarto de hote! — José Luciano me esperava, para me atulhar a cabeça com regras e preceitos, teorias e fórmulas.

Diariamente José Luciano me ensinava novos dados e conhecimentos. Eu ia aprendendo, aprendendo sempre. Tudo com facilidade. Mas onde arranjar memória para guardar tudo aquilo? E depois não era só isso. Os exercícios de piano e violino me tomavam horas inteiras. As exhibições me deixavam exausto, deprimido, neurastênico. Papai, de coração mais mole, protestava às vezes contra o regime árduo a que eu era submetido. Mas, como era fraco e sem voz ativa, e se lembrava, também, que quanto mais eu trabalhasse mais dinheiro rendia, fechava a boca e sufocava seus escrúpulos.

Fiquei pálido. Definei. Qualquer golpe de ar me punha na cama, achacado, catarroso. E então, chegava a vez das vitaminas, tónicas, fortificantes e injeções. Mesmo no leito não me deixavam em paz. José Luciano andava constantemente à minha cabeceira, livro na mão, fadando a alho e cachaça, ministrando-me as novas lições. Tricotando ali ao lado, atentas à aula, vigiavam mamãe e vovó. Enquanto isso, lá fora, no mundo, chovia ou fazia sol. Crianças corriam, no mundo, com os cabelos ao vento, embarravam-se, chafurdavam descalças na água das sargetas. Eu, na cama, decorava fórmulas e mais fórmulas. Senos, cosenos, logaritmos, raízes quadradas, cálculo infinitesimal, o binómio de Newton, progressões aritméticas e geométricas, vocábulos difíceis, datas históricas, nomes arvezados lá da China e Turquestão, nomes de reis e caudilhos, de rainhas e cortesãs, de tiranos e déspotas, mártires e santos, presidentes e papas, sábios e heroínas... Lá fora, no mundo, garotos soltavam pandorgas, quebravam vidraças, corriam, dançavam piões,



trepavam em árvores e rasgavam as roupas. Eram crianças tôlas, para felicidade delas mesmas. Tôlas como tôdas as crianças. Tôlas e normais.

Nem bem eu melhorava, todo enfaixado em mantas, sobretudos e cachecóis, dentro de automóveis "para não apanhar frio", me carregavam para os teatros e cinemas. E lá eu martelava o piano ou aranhava as cordas do violino. Dava respostas e resolvia problemas. Aristoteles, Chopin, Mozart, a guerra do Peloponeso, ralideos, 1822, 1839, "o quadrado da hipotenusa é igual ao ...", Einstein, Lavoisier, "a matéria atrai a matéria, na razão direta...". E mais José Luciano, mamãe, papai, gerentes de cinemas, repórteres, jornalistas, fotógrafos gente enfadonha, enrugada, de bigodes e verrugas, de caras amarfanhadas e coração sem poesia. Assim eram os meus programas. Um sofrer contínuo, respondendo e respondendo. Os espectadores se alvorçavam. As perguntas choviam, as mais diversas, judiando-me do cérebro, anarquizando-me a memória. Nos intervalos, papai e José Luciano contavam anedotas ou faziam truques velhos. Mas os intervalos duravam pouco. E lá estava eu de volta, escarafunchando os miolos, respondendo novamente, de novo, outra vez.

Depois, como eu estivesse crescendo, mamãe achou que os números se tornavam desinteressantes. Para torná-los mais sensacionais, resolveu apelar para as trapaçás. A princípio era um simples código de sinais e sons, cujos significados eu tive que decorar. Mais tarde, passamos a usar também aparelhos. Aquilo me obrigava a manter uma atenção constante, para não me perder na leitura e interpretação das mensagens que recebia. Dessa forma, os meus números se tornaram de tal modo difíceis, que só mesmo com auxílio de fraudes eu conseguia realizá-los. Com o tempo, e a crescente insatisfação de mamãe, o meu programa exigia uma equipe inteira trabalhando nos bastidores. À medida que as perguntas eram feitas, pessoas iam consultando mapas, dicionários, códigos, tratados, enciclopédias e compêndios. A seu turno, outras se ocupavam na transmissão das respostas. Algum orgulho que eu ainda possuía, por ser considerado um gênio, um prodígio, algo fora do comum, deixou de existir. Não passávamos de embusteiros. Pedi a mamãe para voltarmos aos números antigos, mais simples, é verdade, mas realizados com lisura. Ela não se importou com os meus rogos. Não importava que enganássemos o público. O dinheiro estava entrando em casa — isso é que importava.

Certa vez, no saguão de um hotel, achei um livro de histórias. Devorei-o em poucas horas. Enchi a cabeça com os acontecimentos raros que ali encontrei. Mamãe proibiu-me de ler "aquelas porcarias". Em compensação novos manuais difíceis me eram dados para decorar. Mas, nos programas, eu me perdia constantemente nas respostas. Descobri um mundo novo; o colorido mundo do faz-de-conta. Sempre que podia burlar a vigilância de mamãe, corria a ler apressadamente, os queridos



livros de contos. Isso me causava a impressãõ de estar vivendo a minha verdadeira vida, embora por intermédio de outras pessoas. Era uma libertação, uma fuga. Assim eu conheci o mundo lá fora. Joguei peladas nos campinhos, nadei em rios caudalosos, atravessei as montanhas da África, perdi-me nos desertos, lutei contra muitas feras. E também empinei papagaios, travei conhecimento com duentes, fadas e anões. Mamãe destruía os livros que eu arranjava, obrigando-me a apelar para a imaginação. Vivia desatento e aéreo, saltando em trapézios imaginários e lutando contra dragões inexistentes. Vivia, pela primeira vez, ignorando tudo o mais. Por isso, certamente, o desastre aconteceu.

Chorei muito, no dia em que aquilo aconteceu. Além do mais, o sentimento de que eu era o culpado de tudo, fazia-me sofrer dobrado. Aquilo ocorreu no dia em que vários professores de uma universidade compareceram ao programa, para me argüirem. Tudo correu bem durante os solos de piano e violino. Quando iniciou-se a sabatina, o acidente ocorreu logo de saída. Como as questões eram difíceis, eu tive, desde o início, de apelar para a equipe que me auxiliava. Sai-me bem em duas ou três respostas. Mas as perguntas se sucediam abatendo-se sobre mim com violência, esmagando-me. Mais difíceis, cada vez mais difíceis. Meus olhos não tinham parada, consultando mamãe a todo o instante, pois, via de regra, ela servia de intermediária entre o "prodígio" e a turma dos bastidores. Os professores notaram o meu procedimento e dois deles subiram ao palco, cobrindo-me a visão. Não podíamos usar os aparelhos de som, devido à proximidade dos examinadores. Não demorou muito e um dos examinadores denunciou a fraude. Mamãe exaltou-se e começou a discutir.

— No hay burla! No hay burla! Es un engaño de ustedes.

Mas já alguns espectadores haviam subido ao palco, e, orientados pelos professores, estavam examinando tudo. Mamãe esqueceu o castelhano e esbravejava em português mesmo:

— Saíam daqui! Saíam daqui! Deixem a criança.

A agitação campeava na sala, completamente solta. O gerente do teatro veio tentar impôr a ordem. Ninguém lhe deu ouvidos. A assistência reclamava, contestando que, se havia suspeita de fraude, ficasse apurado se ela existia ou não. Mamãe fazia sinais desesperados para as pessoas que se encontravam nos bastidores, e voltara ao seu espanhol:

— Es una afronta. Se yo les juro que no hay burla...

De nada adiantaram os acenos de mamãe. Não se podia, assim, num instante destruir todos os vestígios da trapaça. Invadiram os bastidores e homens voltaram de lá carregando os nossos transmissores, livros gráficos, tabelas, dicionários e os demais aparelhos usados. José Luciano recebeu um soco no rosto. Papai foi agarrado e rasgaram-lhe a roupa. Uma balbúrdia geral. Quebraram poltronas, rasgaram cartazes,



despedaçaram as cortinas. O povo avançava, sem atender aos rogos do gerente. Foi necessária a intervenção da polícia, para que se restabelecesse a ordem. Um sargento, mais o gerente, arastaram-nos, a mim e a mamãe, para fora do teatro, empurrando-nos para dentro de um automóvel.

Assim terminou tudo. Mais tarde, lá no hotel, as lamúrias, as queixas e choro. E eu aniquilado, arcando com tôda a culpa do fracasso.

Depois do escândalo, com o alarde que os jornais fizeram em torno do caso, terminou a minha carreira de menino prodígio. Perdemos todos os contratos. Mamãe ainda quis ver se salvava o barco. Fomos para uma cidade menor, trocaram o meu nome artístico e tentamos dar novos espetáculos. Mas a notícia de que éramos charlatães havia corrido mundo. Os empresários nos recebiam com desconfiança e bem raros contratos conseguíamos. De nada adiantou trocar o meu nome e voltar ao ritmo antigo. O sucesso havia terminado. Nunca mais o fenômeno faria sensação.

Regressamos para a nossa cidade natal. Meus pais suspiraram, durante muito tempo, lamentando a perda da "mina de ouro". Passamos a viver de glórias passadas, mamãe e vovô folheando sempre o álbum de recortes, fotografias e comentários de quando eu me encontrava no apogeu da carreira. Durante muito tempo, também, e para azar meu, fui a curiosidade, a coisa rara da cidade. Mas depois, felizmente, comecei a crescer. Cresci. Aos poucos, muito aos poucos, minha família foi devolvendo tudo o que me havia tirado. Restituíram-me a liberdade. Deixaram-me senhor da minha vontade, da minha personalidade, de meu querer. Devolveram-me tudo, pouco a pouco. Uma coisa, porém, não me devolveram nunca: a minha infância inteira que eles jogaram fora.

Naquela tarde sem aulas, o Pasto do Busch acolheu os garotos. E entre o verde e o azul, o bando alegre se dividiu:

— Par ou ímpar?

— Par.

— Ímpar.

— Um, dois e...

— Quero o Paulo

— Escolho o Chico.

— O Zeca prá cá.

— .....

— .....

Ficaram oito de cada lado, o que não era bem regulamentar, mas, como dizia o Chico, essa coisa de cinco na linha só serve para um atrapalhar o outro. Muito bom para o "Campo da Liga" com aquêlê tamanho todo de estádio municipal.

Então alguém gritou:

— Mas vocês têm nove...

— Nada disso, o nono é o Beto!

E ninguém mais reclamou, porque todos sabiam que o Beto não jogava a não ser quando era preciso completar um dos quadros. Se conseguiam número igual nos quadros disputantes, êle sobrava. Suas maneiras tímidas não o recomendavam aos craques que disputavam o "par ou ímpar", que escolhiam os quadros, que formavam campeões. E Beto não era feliz. Além de tudo, alvo de piadas, repositório de apelidos. Talvez sem razão; talvez se êle fizesse as coisas sem o medo de errar, sem esperar as risadas dos mais moleques, tivesse melhor resultado. Mas para que razão no que decidiam os campeões do Pasto do Busch?

Beto foi até a "trave" do Marciano, um dos poucos de quem não temia galhofas e sentou numa das pedras que serviam de marco para a área do goleiro. Alí ficou invejando o negro forte, sempre escolhido para jogar e que não tinha nenhum apelido.

Canhoto já vinha correndo e chutou forte. Houve confusão na área do negro Marciano e os pés disputavam touças. Finalmente acertaram na bola e um pelotão atingiu Beto. A bola resvalou e foi para fora, pelo fundo. Renato, que era zagueiro, ficou nervoso e gritava muito. O Marciano interveio!

— Até foi bom, porque iria ser gol para êles.

Quiseram escanteio. Uns gritavam que não, que o Beto não jogava e a falta não valia.

— Temos que aceitar o "corner" mesmo. Quem manda vocês deixarem êsse "cara" ficar aí feito mascote?



Beto já esperava que Renato dissesse aquilo. Ele odiava Renato. Com esse ódio indeciso que sente um rapazote a quem falta confiança em si, por aquêlo que o espezinha. Um dia Renato chama-o maricas, só porque gostava de advertir os outros nas peraltices exageradas. Beto suportava muita coisa. Por dentro reagia, eliminava Renato que não mais influiria o grupo contra êle; e então ninguém mais o chamava por apelidos, virava capitão do quadro e escolhia quem queria. Até no cinema, ultimamente, essa idéia vinha misteriosa ter com êle. Era quando, então, participava da luta do mocinho contra os bandidos e da cadeira distribuía murros e vibrava emocionado quando os bandidos caíam subjulgados...

Pira cobrou a penalidade. Tico-Tico veio na corrida e ia chutar bem à frente do Marciano nervoso e assustadíssimo, quando faltou o pé. Alguém lhe havia aplicado uma canelada. Tico-Tico quis a penalidade máxima.

— "Penalti"! — gritaram os outros sete, inclusive o Moacir que era goleiro e não vira coisa alguma. O guri que havia perdido o gol animava-se com os gritos dos companheiros e já falava enérgico!

— Para com essas caneladas, porque isso não vai dar certo!

Tico-Tico estava brabo e Renato não retrucou.

Marciano, solenemente, contou oito passos e pôs a bola no chão. Conhoto, o artilheiro, veio, ajeitou a pelota mais à frente, a pretexto de colocá-la sobre uma pequena moita e chutou.

Entre o verde e o azul, houve oito sorrisos e nove caretas.

— Tudo por causa desta besta aí. Provocou o "corner" e com isso arrumaram um "penalti"...

Beto vingava-se, lembrando que Tico-Tico ameaçava Renato e êste não se defendera...

Quando acabou o jogo, Marciano procurou o companheiro:

— Vamos até o outro lado apanhar pitangas?

— Não dá. Já deve ser mais de cinco horas.

Beto foi ligeiro para casa. O pai chegaria às seis e deveria encontrar o filho. A mãe também não gostava que o garoto saísse por muito tempo. Calculava que o filho estaria com outros rapazes (com vagabundos, como ela os chamava) em alguma chácara, ou em algum pasto jogando futebol, ou mesmo roubando frutas, ou até fugindo da polícia. .

— \*\* —

Naquela noite, dormiu com dificuldade, mas dormiu. Dormiu e sonhou umas coisas confusas. Na manhã seguinte, antes de ir para o colégio, êle se lembrou de que havia jogado futebol. Era da linha, ludibriava os "beques" e marcava os tentos de tabela!

— \*\* —

Vieram dizer para o Beto:

— Ouviste o que o Renato anda dizendo? Que tu és que nem menina, não saís de noite sozinho, que és filhinho da mamãe!

- Não me amolem! Não me interessa.
- Êle disse que tu ias esperá-lo, disseram prá êle.
- Eu não disse nada.
- Mas êle vai te esperar...

A última aula era de geografia e o professor falava como fala todo professor de geografia para uma primeira série ginasial.

— Hoje vamos estudar outros dêsses fenômenos que tôdas as pessoas conhecem pelos efeitos sem que saibam explicar-lhes a causa. As trovoadas que o povo teme como ameaça dos céus, são um belo exemplo a estudar. Quando uma nuvem carregada de electricidade positiva...

Beto não ouvia direito. Estava intimamente apavorado. Nunca brigara, não sabia o que fazer e tinha medo de coisas desconhecidas. A covardia medrada no lar abraçava-o como um mata-pau à árvore em torno da qual cresceu. Sentia-se asfiziado, angustiado.

— ...então, após o raio, o trovão...

E pensava que o professor poderia fazer uma preleção sobre a amizade, dizer que os meninos não são nuvens para cuspir raios uns sobre os outros...

Muitos estavam desatentos ao que dizia o professor. Uma briga entre êles era um ritual que exigia certos preparativos psicológicos.

O sinal estava por bater e uns tinham pressa. Estranha dimensão a do tempo, mais relativa que qualquer outra! Aquela aula que para Beto parecia durar séculos, já se apresentava demasiadamente breve; para alguns garotos demorada horas e para o professor, exatamente quarenta e cinco minutos... Finalmente, depois dos séculos, das horas e dos minutos, o sinal soou, trazendo uma mensagem de angústia para o menino triste. Havia qualquer coisa diferente na face dos colegas e êle tremia.

Na descida da rua do colégio, perto de uma pedreira, um grupinho se reuniu. Vários falavam, nervosos:

- Manda a pasta que eu seguro.
- Deixa-me!
- Mas o Renato vem prá cá.
- Vamos embora?
- É o melhor...

Mas o Renato vinha chegando com outro grupo de garotos. Não trazia a mesma cara arrogante, embora se conservasse cínico, e alguém menos distraído notaria que gaguejava. Aproximou-se um tanto a medo e resmungou:

— Como é? Disseste que ias esperar-me!

Beto tremia, sentia vontade de sumir, de não ver mais Renato, nem aquela turma que gozava à custa da sua angústia. Conseguiu dizer alguma coisa:

— Não estou esperando nada; inventaram isso...



Renato percebeu a covardia do adversário e aproveitou-se dela. Arriscou com certa arrogância:

— Tu és um 'frouxo' — e esperou.

Já alguns incentivavam Beto a reagir e êle sentia, no cérebro, um batalhão de palavras tentando escapar-se. Quis controlar-se ruboresceu, não pôde mais:

— E tu és...

— Sou o que, seu marica? E fez menção de esbofetear o adversário.

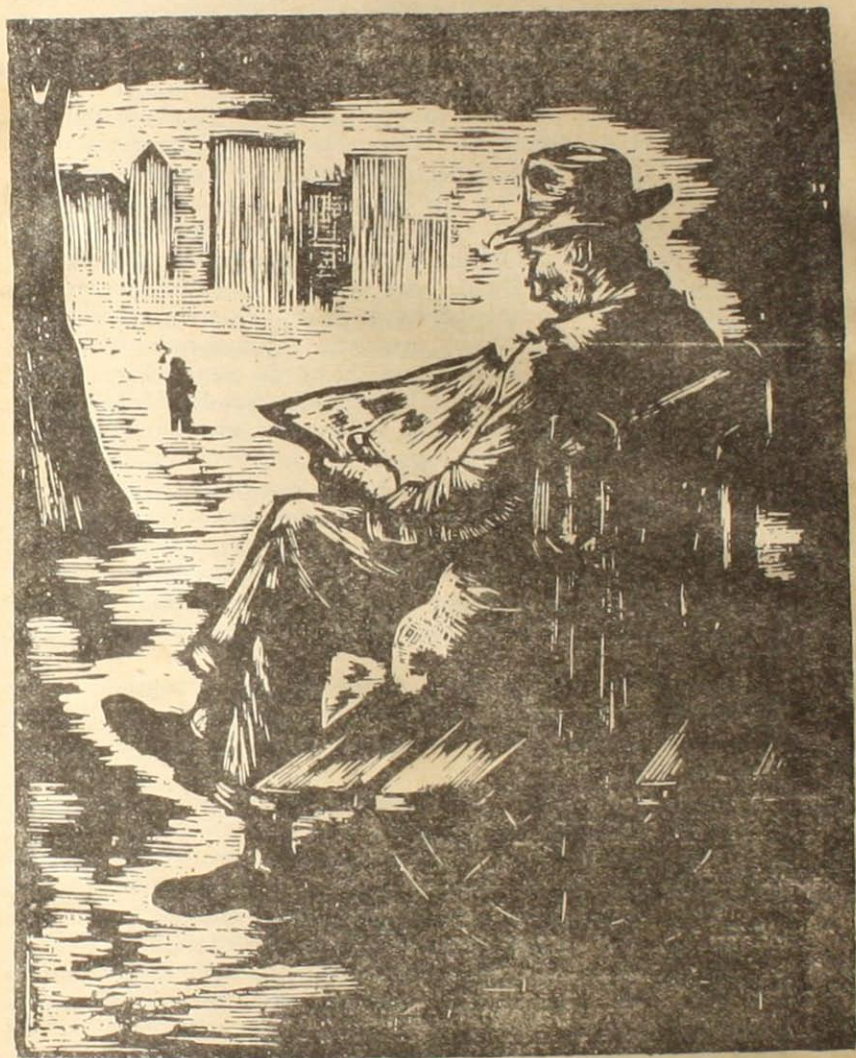
Beto dessa vez não pensou. Libertou-se súbitamente de suas inibições, agiu unicamente por instinto. Ao ver o adversário ameaçá-lo, ganhou elasticidade e rapidez, ergueu a pasta de couro cheia de livros e num gesto violento arrumou-a na cabeça de Renato. Foi como se no ato descarregasse tôda a carga emocional acumulada no pesado nimbo do subconsciente. Então, sentiu-se aliviado, e ficou vendo os colegas levantarem o outro que caíra entontecido com o choque. Depois sentiu que o pegavam pelos braços. Já Renato, refeito, estava agarrado também, e cada um, depois de seguro, simulava esforços por libertar-se, ameaçando o adversário, fingindo pontapés. Os grupinhos se separaram e cada um levava o seu lutador. Renato, uma feita, voltou-se e resmungou:

— Amanhã eu te parto a cara...

Beto não ouviu, ia emocionado. Pelo caminho, não dava atenção aos comentários ia distribuindo pequenos socos pelos muros e fazia pôse e mocinho em fita de "far-vest", após a vitória sobre bandidos perigosos. Até que alguém falou, consultando o relógio:

— "Puxa", já são quase seis horas...

Beto se esqueceu de sua pôse, deixou os companheiros e tomou, maquinalmente, o rumo de todos os dias. A medida que se aproximava, ia diminuindo os passos. Já não obedecia ao ritmo anterior e quase parou ao chegar à ultima esquina. Breve conflito e novamente a velha angústia, o velho médio. Por um momento, pensou em voltar, disparar, correr pelas ruas, ir chutar no Pasto do Busch... mas sentia-se amarrado, e atraído pela casa. Assustado, humilde, pequenino, atravessou a rua e abriu o portão. Enquanto cruzava o jardim, ia arquitetando uma desculpa pela demora por não ter chegado à hora exata, por ter sujado a calça e a camisa... Mas o que lhe parecia mais triste era não poder contar que naquela tarde, por um momento, havia sido também campeão.



Xilogravura de **H. Mund Jr.** (do Clube de Gravura do Rio).



## A SOLITÁRIA COMPANHEIRA

Doralécio Soares

O sol já ia desaparecendo para o seu recuso diário, quando uma jovem encaminhou-se na minha direção.

Eu estava recostado no umbral de uma velha embarcação que, arrastada da praia, descansava aposentada da luta com o oceano.

A mulher avançava. O reflexo do sol no crepúsculo doirava os seus cabelos caído sobre os ombros, que lhe dava um certo encanto. Ao aproximar-se, verifiquei que realmente era bela. A sua tez morena e os seus olhos eram de um azul claro, como o céu n'um dia de sol brilhante. Ornava-lhe a beleza do olhar triste, um semblante angelical, uma boca linda, com duas fileiras de dentes claros, acompanhados de uma voz meiga e delicada. Como eu, parecia que vinha procurar refúgio naquele recanto de praia, outrora tão belo e que, hoje, de sua beleza, conservava apenas a solidão de um lugar abandonado. Ficamos, pelo espaço de meia hora, no mais abstrato e absorto silêncio. O meu pensamento revolvía o espaço, as imagens afluíam à minha mente sem que eu concretizasse idéias positivas e continuavam vagando, sem querer quebrar aquele silencio de que estávamos acometidos.

Quem será esta minha bela companheira? — pensei. — De onde vem? Será que espera alguém? Ou, cansada, veio aqui refugiar-se á procura de repouso mental, como eu, neste recanto solitário?

Como todos nós, também devia ter o seu segredo, a sua história. Era bela demais para não ter o seu romance ou a tragédia amorosa. Absorta, contemplava os pardais que esvoaçavam próximo.

De súbito, ela disse: — Seja eu a quebrar este silencio que, embora curto, me ativou a alma.

— Que tem, senhora? Que se passa consigo? É bela demais para estar aqui sósinha sem uma finalidade qualquer.

— Engana-se senhor. Como todos os homens, o senhor pensa também que quando uma mulher se afasta da multidão e está sósinha espera alguém. Efetivamente, uma mulher nunca pode viver sem esse alguém que nos traz tanta ilusão, tanto sofrimento, e nos dá esperança. Que por ele sacrificamos tudo em busca da felicidade almejada, que ás vezes só nos traz desgraças. Mas vivemos para isso e nisso se resume a essencia da existência humana, da existência, principalmente, feminina. Quando nascemos trazemos alegria aos nossos pais. Sob os seus cui-



dados, crescemos. Sacrificam-se geralmente, para nos dar conforto e educação, amando-nos-mais do que verdadeiramente ce amamos e merecemos.

— Alguma desilusão, senhora ?

— Não, não considero desilusão, apenas desajustamento social.

— Quer me confiar a sua história? Digo história, porque todos nós temos uma história.

— Está bem. Antes de mais nada desejo saber alguma coisa sobre o senhor. Apenas nos conhecemos por pouco tempo, ou, digamos, apenas uns minutos.

— Eu sou escritor, romancista, e o meu romance é pequeno, simples: Casado, sem filhos, e, de, alguns meses para cá, viuvo. Perdi minha boa esposa. Restam-me agora, saudades. Viví 22 años. Casamos bem jovens, eu com 20 ela com 18. Clara, era o seu nome. Não tenho parentes. Nascemos na França. Fizemos nossa viagem de núpcias ao Brasil e aquí ficamos nesta maravilhosa terra.

— O senhor é francês? Não parece, nem no aspecto, nem no falar. Fala perfeitamente bem o portuguez, como qualquer um de nós.

— Sim, realmente procurei aprender a falar corretamente o portuguez, para evitar tradutor para as minhas obras. Nestes vinte e dois anos que aquí viví, escreví oito romances e 12 peças de teatro. Fui feliz, repito, mas a sorte não quiz prolongar por mais tempo essa felicidade. A Clara não chegou a completar 40 anos. Faz dez meses que a perdi. Vivo aprofundado na minha tristeza.

— É, moço, ainda encontrará outra.

— Qual nada!

— É, quem sabe.

— Voltou á França ?

— Sim, voltamos. Lá estivemos, revendo os parentes. Mas fomos turistas e seis meses depois, estavamos de volta. Ficamos muito tempo aquí para lá voltar, e parece mentira que, após dez anos de ausência, nos sentimos como estranhos no meio da parentela. Como a vida da gente muda. Bem, já falei muito de mim. Agora, conte-me alguma coisa de si.

— Interessante que já estamos aquí há mais de uma hora e ainda não sei o seu nome.

— Laura

— Laura ? Que coincidência. Laura é uma personagem de um dos meus livros. E por sinal uma bela mulher.

— Parece-se comigo ?

— Realmente a imaginei linda como você.



— Não exagere, senhor. . . .  
— Paul, Laura.  
— Não, para mim será o sr. Paulo. Zanga, se lhe acrescento o O ?  
— Não, Laura, esta é mesmo a sua tradução: Paulo. Não sou, então, francês?

— Como ia dizendo, não exagere me achando linda, pois assim mesmo linda como me vê e me acha, fui abandonado. O meu amante deixou-me por outra e note-se não era tão bonita, creio que fartou-se de mim. Os homens são incompreensíveis, difíceis de penetrar no íntimo. Tudo lhe fiz, proporcionando-lhe todos os prazeres possíveis que uma mulher pode dar a um amante. Mesmo assim êle me abandonou por outra. Nunca consegui compreender o Arnaldo.

O sr. Paulo permanecia calado, enquanto a Laura dava vão ao seu instinto sexual nas recordações do amante.

— Que estranha mulher, pensava êle, Fascinava-lhe a beleza física, mas repugnava-lhe prostituida, entretanto parecia culta.

— Bem, — disse Laura, — estou a falar das minhas aventuras, sem que isso nada venha lhe interessar, não é ?

— Interessa, sim, Laura, você sabe que eu sou escritor, e é do que acontece aos outros que eu cõlho assunto para os meus livros ?

— Quer dizer que só interessa como escritor ?

— Não, Laura, conheci-a há pouco e confesso que simpatizei com você

— Bondade sua, Paulo. Vive só, sr. Paulo ?

— Sim. Moro num apartamento na rua Coronel Silva, no bairro da Cruz Verde.

— Hum!!! Zona rica!

— Ainda não me senti com coragem de modificar o meu apartamento, desde que Clara faleceu. E você, onde mora?

— Eu? Ali adiante. Olhe, está vendo aquele prédio de azul-lejo? Do lado de cá não tem um sobrado de dois andares: É lá que moro.

— Mora sòsinha?

— Não. Junto com uma amiga. O apartamento é muito caro, dividimos o aluguel. Vamos lá?

— E o seu amante?

— Ele foi-se, já não lhe contei?

Já era noite. Segurou-me pelo braço e saímos vagarosamente. Era essa, após dez meses, a primeira vez que me seduzia uma mulher. Coisas do acaso. A Laura me apertava o braço carinhosamente. Costume da profissão, talvez.

- Já amou outra mulher sem que fosse a sua Clara?  
— Já, Laura. Porque pergunta?  
— Por perguntar. O sr. é tão sério...  
— Estou com fome, vamos jantar primeiro.  
— Se você assim quer, vamos. Eu sei de um lugar onde podemos ir sem que o sr. precise me evitar.  
— Não, Laura. Eu sou viuvo e sem compromisso, não preciso me esconder de você. Ou você tem algum receio?  
— Não. Não, sr. Paulo, é por sua causa, posso lhe comprometer.

A Laura me levou a um restaurante de fino gosto, ambiente aparentemente seletto e pela intimidade com que falava ao garçon, outras vezes lá estivera. Jantamos bem. Lá pelas vinte e uma horas saímos. A noite era de luar e resolvemos caminhar um pouco a pé e ficamos a olhar o caudaloso rio que entrecortava a cidade. Eram quasi 23 horas, quando subimos a escada do seu apartamento. A sua companheira não estava. Cuidadosamente arrumado o apartamento de Laura refletia a beleza de que era possuída.

\* \* \*

O sol despertou-me já era dia alto. Ela ainda dormia e vi que era realmente bela. Muito bela.





Lithogravura de Iracema Joffily (do Cabe de Gravura do Rio).



## A VISITA

Ody Fraga

— I Ato —

### PERSONAGENS

MARCOS  
ANA  
ANTÔNIO

#### Ato único

Ao cair da tarde. Sala de estar de um apartamento de solteiro. Confôrto e bom gôsto. Janela e duas portas internas, uma comunicando com o quarto e outra com a kitchenette. Porta para o corredor. Marcos, sentado em uma poltrona, lê. Usa pijama, sob um robe. Soa a cigarra do corredor. Marcos atende.

Marcos — Ora, vejam! Entra! (Afasia-se, dando passagem à Ana. Fecha a porta após ela).

Ana — (Apertando-lhe a mão) — Quem é vivo sempre aparece!

Marcos — E Antônio?!

Ana — Viajou hoje de manhã

Marcos — Há uma semana, que espero a prometida visita.

Ana — (Sentando-se familiarmente) — Negócios! Você compreende. Antônio, depois que se tornou um industrial importante, não tem tempo nem para mim. Mas como vai você?

Marcos — Oh! Curtindo minha solidão.

Ana — Está forte?

Marcos — Sinto-me bem. Nesta época, pneumonia não mata.

Ana — Ainda bem. Estava para vir a mais tempo, mas você compreende como é. Antônio sempre adiando, por isso, por aquilo, negócios aqui, transações acolá e o tempo vai passando.

Marcos — O meu velho Antônio já não pode cuidar dos amigos.

Ana — Oh! Deixe êle! Você bem sabe que anda verdadeiramente atarefado.

Marcos — Bem, mas esteja a vontade. Tire o casaco, o chapéu, as luvas...



- Ana — Você quer que me descomponha?
- Marcos — Afinal, você ainda é a Ana de minha adolescência, não posso admitir que fique tão formalizada.
- Ana — (Pondo-se a vontade) — Você sempre impossível.
- Marcos — Sim senhor, eis-nos, novamente, com nossa amizade...
- Ana — E logo nossas lembranças, suponho...
- Marcos — E por que não?
- Ana — Porque seria inconveniente.
- Marcos — Mas, você não pretende colocar um formalismo entre nós?!
- Ana — Formalismo, não! Apenas conveniência.
- Marcos — Tem medo?
- Ana — Na minha idade, que vocês chamam balzaqueana, uma mulher já não teme.
- Marcos — Então?
- Ana — O passado é um desastre, Marcos. Mexer com êle é sempre uma temeridade.
- Marcos — Então teme!
- Ana — Não!
- Marcos — Antônio viajou mesmo?
- Ana — Está pensando que eu mentí, ou...
- Marcos — Eu daria a vida por esta mentira.
- Ana — Comporte-se, Marcos.
- Marcos — Ana, foi Antônio quem a mandou aqui?
- Ana — Por que?
- Marcos — Êle mandou, ou você veio por vontade própria?
- Ana — Que prova isso?
- Marcos — Porque não responde?
- Ana — Você me julgará covarde, se não disser?
- Marcos — Uma mulher na sua idade nada teme, as palavras são suas.
- Ana — Isso não impede de que seja prudente.
- Marcos — Pode dispensar esta prudência para comigo.
- Ana — Marcos, Marcos, você sempre mau!
- Marcos — E então?
- Ana — Antônio não sabe que eu vim.
- Marcos — Assim a visita é muito mais saborosa, a felicidade maior.
- Ana — Não vá concluir daí que ...
- Marcos — Nada concluo...
- Ana — Tomara.
- Marcos — Bem, mas eu preciso oferecer-lhe alguma coisa. Que toma?
- Ana — O que você tomar.

- Marcos — Não estou bebendo.
- Ana — Ah! Sim!
- Marcos — Dispensei a empregada, porque pensava jantar fora. Esta seria minha primeira saída, após a convalescença.
- Ana — Que pena! Vim perturbar sua liberdade!
- Marcos — Que nada! Por que não completa minha felicidade, jantando comigo?
- Ana — Em público?
- Marcos — Hum! Seria inconveniente. E demais, não desejo compartilhar sua presença com ninguém. Ainda sabe cozinhar?
- Ana — Petulante!
- Marcos — Então toca! Vá para a cozinha e prepare-nos o jantar.
- Ana — Você é magnífico! (Dirigindo-se à kitchenette) — Mas, há o que se coma por aí? (Sai de Cena).
- Marcos — Deve haver.
- Ana — (Fora) — Vejamos!
- Marcos — Enquanto você prepara o banquete, vou me vestir descentemente. (Caminha para o quarto).
- Ana — (Aparecendo à porta da kitchenette) — Não!
- Marcos — Não?!
- Ana — Não! Gozemos um pouco de intimidade.
- Marcos — Você é adorável. (Sai Ana).
- Ana — (Fora) — O jantar será sumário.
- Marcos — Nada fresco?
- Ana — (Fora) — Só uns ovos.
- Marcos — Tudo está perfeito, porque você é perfeita.
- Ana — (Aparecendo à porta da kitchenette) — Você ainda os prefere quentes?
- Marcos — Ainda! (Sai Ana, Marcos senta-se e apanha o livro, Um tempo. Solta o volume sem mesmo tê-lo aberto e aproxima-se da kitchenette) — Você viu?
- Ana — (Fora) — O que?
- Marcos — Os ovos!
- Ana — (Fora) — Que têm os ovos?
- Marcos — Eu nada mudei. Prefiro-os ainda como antigamente.
- Ana — (Fora) — Gôsto é gôsto!
- Marcos — Isto é fidelidade, Ana.
- Ana — (Aparecendo de avental e com ovos na mão) — Fidelidade?
- Marcos — Os mesmos hábitos e os mesmos sentimentos
- Ana — Os hábitos e os sentimentos mudam com o tempo
- Marcos — Nem sempre. Mudam quando evoluem naturalmente. Quando se frustam, estabilizam...



- Ana — Não estrague tudo.
- Marcos — Perdoe.
- Ana — A gente nem sempre sabe como as coisas acontecem...
- Marcos — Eu nunca tive a virtude da resignação...
- Ana — (Voltando para a K.). Pode ir preparando a mesa. O jantar é rápido, ovos quentes, leite condensado, torradas e café.
- Marcos — Num minuto! (Apanha em um canto pequena mesa de armar, montando-a no centro da cena. De um móvel apanha uma toalha, que estende sobre a mesa) — É pena não haver flores!
- Ana — (Fora) — Por quê?
- Marcos — Porque você as merece.
- Ana — (Entra com uma lata de leite condensado, um par de xícaras e talheres, que coloca sobre a mesa) — Tolo! (Sai).
- Marcos — E música! (Vai arrumando as coisas sobre a mesa. Volta ao móvel de onde tirou a toalha, trazendo dois guardanapos).
- Ana — (Fora) — Você vai acabar querendo por o smoking.
- Marcos — Tudo para você, Ana.
- Ana — (Entrando com um bule e um prato de torradas) — Depressa! Sente-se logo. Torradas são gostosas quando quentes. (Volta à K).
- Marcos — Se você viesse sempre, eu despediria a empregada.
- Ana — (Voltando com dois copos com ovos quentes) — Bem, está pronto! (Senta-se. Marcos levanta e vai a K.) — Que falta?
- Marcos — (Voltando) — Sal! (Coloca o saleiro sobre a mesa. Senta-se).
- Ana — Você precisa casar, Marcos.
- Marcos — Preciso?
- Ana — Não precisa?
- Marcos — Não, porque não posso casar com você!
- Ana — Marcos!
- Marcos — Porque provoca?
- Ana — O passado...
- Marcos — Não proíbe o futuro.
- Ana — Que quer dizer com isso?
- Marcos — Ana, você chegou verdadeiramente a... (Um tempo).
- Ana — Duvida?
- Marcos — Quem sabe...
- Ana — Tome o café, antes que esfrie.
- Marcos — (Tomando alguns goles) — Ana, estupendo, delicioso!

- Ana — O café?
- Marcos — Você ainda não aprendeu a preparar café. Tem o dom de transformar o mais puro e autêntico pó na mais salôbra das águas requentadas.
- Ana — Ingrato!
- Marcos — (Levanta-se e anda vagorosamente pelo apartamento, enquanto Ana vai comendo, sem vontade. A noite já se anuncia. Marcos acende a luz) — Você e Antônio...
- Ana — Marcos, por favor! Espero que tenha a delicadeza de evitar certas perguntas.
- Marcos — Nada perguntarei... (Um tempo) — Esperarei até que você me conte.
- Ana — Mas assim está querendo frustrar minha deliciosa aventura. Fugi de tudo para vir vê-lo. Só quero saber de minha vida novamente, quando daqui sair.
- Marcos — Por que não prolonga sua aventura?
- Ana — Porque me casei com outro homem.
- Marcos — Você é uma burguesa.
- Ana — É preciso ser convencional, se é isso o que deseja dizer com burguesa. Há coisas acima de nossa vontade.
- Marcos — Mas não de nosso amor.
- Ana — (Levantando-se e recolhendo a louça usada) — O amor tem limites. (Sai).
- Marcos — Você responderá à uma pergunta?
- Ana — (Aparecendo) — Espero que seja conveniente. (Apanha mais coisas e leva para a K.).
- Marcos — Uma pergunta íntima...
- Ana — (Aparecendo novamente) — Uma vez se lembre de que nem tudo tem o direito de me perguntar.
- Marcos — Por que casou com êle? (Ana recolhe mais alguma coisa e retira-se, sem responder. Marcos apanha a toalha e os guardanapos e também desaparece pela porta da K.).
- Ana — (Fora) — Não, Marcos, por favor! (Um tempo. Marcos aparece, desmonta a mesa e coloca-a em seu lugar. Entra Ana, silêncio).
- Marcos — Eu sou um bruto.
- Ana — Pelo menos continua impetuoso.
- Marcos — Vê, querida, poucos momentos depois de você ter entrado aqui, eu pensei que entrava na minha vida.
- Ana — Talvez eu esteja apenas querendo sair da vida de Antônio.
- Marcos — Responda, então, porque casou com êle?



- Ana — Porque não casei com você.  
Marcos — Por culpa minha?  
Ana — Possivelmente erro seu...  
Marcos — Era muito jovem...  
Ana — Todos éramos jovens. Você se mostrou tão refratário ao casamento.  
Marcos — Ora, pedantismo de moço.  
Ana — Eu casei com Antônio.  
Marcos — Isso significa alguma coisa?  
Ana — Você não tem moral?  
Marcos — Meu bem, nem por um momento desejo que pratique algo indigno de você.  
Ana — Pois só faltou me propor o adultério.  
Marcos — Isso é melodramático.  
Ana — É imoral.  
Marcos — Pense bem. Hoje pela manhã, você era minha anada intangível. Minha saudade. Agora está aqui comigo. Já que veio, não vejo porque não fique.  
Ana — Marcos, eu tenho um lar.  
Marcos — Eu nada tenho.  
Ana — Você é homem.  
Marcos — Isso, por acaso, justifica sua covardia?  
Ana — Covardia! Os homens exigem de nós todos os sacrifícios. Quando queremos apenas agir com prudência, somos covardes.  
Marcos — Perdoe... Por que veio então?  
Ana — Porque... Ora, vamos, não me faça tal pergunta!  
Marcos — Preciso saber. Por que veio? Isto é importante!  
Ana — Modifica alguma coisa?  
Marcos — Talvez, o importante é saber se ainda você...  
Ana — Claro que sim.  
Marcos — Você ainda me ama?  
Ana — Ainda não, sempre.  
Marcos — E agora?  
Ana — Tem o dom de tornar as coisas difíceis.  
Marcos — Ana, não fui eu quem criou esta situação.  
Ana — Ah! Fui eu então? Eu não devia ter vindo. Foi um impulso. Uma necessidade instantânea de estar com você.  
Marcos — Eu tenho de me policiar, pois me é vedado o prazer de atender aos meus impulsos.  
Ana — Não seja desagradável.  
Marcos — Vocês têm brigado?  
Ana — Quem?

- Marcos — Você e Antônio?
- Ana — Somos apenas indiferentes.
- Marcos — Ele nunca amou, Ana.
- Ana — Você não soube amar.
- Marcos — Qual a diferença?
- Ana — Oh! Uma mulher pode sofrer por um homem. Creio, mesmo, que seja feliz neste sofrimento, mas não pode aturar-lhe os caprichos.
- Marcos — Alguma coisa está errada nisto tudo.
- Ana — Nós é que estamos errados, meu bem!
- Marcos — Que estamos esperando para acertar, então?
- Ana — É muito tarde. Seria um erro maior.
- Marcos — E daí?
- Ana — Que deseja?
- Marcos — Você!
- Ana — Ora, meu bem, as mulheres as vezes parecem objetos de uso particular. São propriedades de seus ilustres esposos.
- Marcos — Sim?! Que deseja então? Que a peça emprestada ao Antônio, como se pedisse seu aparelho de barbear?
- Ana — Você é louco?
- Marcos — Louco! Louco! Que seja!
- Ana — Mas eu não sou terapêutica.
- Marcos — Pois então volte para junto de seu Antônio. Seja apenas um emprêgo de capital e proporcione-lhe os lucros convenientes.
- Ana — Você é odioso porque sempre diz a verdade.
- Marcos — Que outra coisa poderia dizer?
- Ana — O conveniente, o necessário, o próprio e a verdade, quasi sempre, não é nada disto.
- Marcos — Afinal, por que reclama? Com que direito?
- Ana — Tenho meus direitos. Vocês dois, tanto você como Antônio, nada podem me impor. Fizemos imbecilmente a "menage à trois", ninguém usufruiu nada.
- Marcos — Eu pelo menos,
- Ana — Todos nós.
- Marcos — Onde acabaremos?
- Ana — Eu resolverei isso. Vim aqui para sabê-lo. Entre voce e Antônio o meu destino foi resolvido segundo as conveniências de cada um. Você não casou comigo porque isto inibia seu "modus vivendi". Antônio o fez porque um industrial necessita possuir esposa, pela mesma razão porque necessita de crédito na praça ou de um automóvel.



- Marcos — A martir! Não esperava isso de você.
- Ana — Não, não meu caro. O martir encontra sua realização no sacrificio. É seu prazer, a razão de sua vida. Comigo a história será outra.
- Marcos — Fará a escolha.
- Ana — Resolverei meu futuro.
- Marcos — Escolhendo entre os dois...
- Ana — Ou nenhum ou um terceiro...
- Marcos — A que fim nos levará este caminho?
- Ana — Quem sabe? Pouco me interessa qual o fim. Meu objetivo encontra-se em alcançar um fim, seja qual for.
- Marcos — Esta sua terrivel mania de ser independente, de afirmar sua personalidade e todas estas tolices... Que deseja ao certo? Ser mulher de sociedade ou independente?
- Ana — Onde o conflito entre as duas coisas?
- Marcos — Tôla. Na mulher de sociedade ou deste louco "cafe society" tão na moda, atualmente, a liberdade é pura ficção. Vejamos isso: Quando escapam das garras do marido, caem nas do amante; quando escapam dos dois caem na peçonha das rodinhas dos salões de chá e das partidas de "bridge". Você terá de optar ou pela vida social, submetendo-se a uma das ditaduras que ela impõe ou pela independência.
- Ana — Eu sei por quê optar.
- Marcos — Não sabe coisa alguma. Para ser independente, você deverá enveredar por um dos caminhos da vida intelectual. Imagine isso. Ana, a doce Ana, bancando a intelectual. Recomendo-lhe um par de óculos de aros grossos.
- Ana — Se eu me desse ao trabalho de me preocupar com a cretinice de vocês...
- Marcos — (Atalhando-a) — Vocês quem?
- Ana — Você e Antônio.
- Marcos — Quem é cretino?
- Ana — Você, seu imprestável. Incapaz de conquistar qualquer mulher e até mesmo de ganhar a vida.
- Marcos — Não preciso ganhar a vida...
- Ana — Nem conquistar mulheres?
- Marcos — Não, elas vem aqui, ao meu apartamento, sem que as chame.
- Ana — Como eu?
- Marcos — Como você, exatamente! (Ana rápido, sem palavra,

apanha suas coisas, dirigindo-se à porta da rua. Marcos corre e intercepta-lhe a saída) — Aonde vai?

Ana — Embora!

Marcos — Por que?

Ana — Você é o mesmo. Será inútil qualquer tentativa para nos entendermos. Deixe-me passar.

Marcos — (Tirando-lhe as coisas da mão) — Ana, minha querida, perdoe-me!

(Aproxima-se da mesa, colocando chapéu, luvas e bolsa)

Ana — (Virando-se para êle e encostando-se à porta) — Que adianta tudo isso? É impossível a compreensão entre nós. Cada um tomou caminhos diferentes na vida, que já não se cruzam.

Marcos — (Aproximando-se dela) — Cruzemo-nos nós sem cruzarmos nossos caminhos...

Ana — Como será isso possível?

Marcos — (Abraçando-a) — Viva sua vida, deixe que eu viva a minha e no entanto... de vez enquanto... podemos esperar um acaso feliz...

Ana — Um acaso feliz?

Marcos — Como êsse, meu bem, você vem e pode ficar. Que diferença fará em sua vida um dia dois ou uma semana passada aqui comigo?

Ana — (Empurrando-o) — Porco! (Afasta-se para o centro da cena).

Marcos — (Aproximando-se e abraçando-a por trás) — Você está desorientada. Abandone-se um pouco aos meus cuidados. (Beija-a no pescoço) — Relaxe seus nervos... (Vira-a para si) — ainda é minha... (Vai beijá-la Ana dá-lhe um empurrão).

Ana — Nada diss. o!...

Marcos — Virou pudica?

Ana — Cínico. Não foi assim que imaginei as coisas entre nós...

Marcos — Que deseje, então? Quer ou não quer amor? Se o quer por que teme? É ou não é independente? Senhora de sua vontade? (Aproxima-se da porta do quarto abrindo-a) — Aqui, minha querida, somente aqui, se encontra o fim de todo amor.

Ana — Sim, quando encontramos a pessoa certa.

Marcos — Você, após atravessar os trinta anos, ainda espera encontrar o homem certo? Ou por acaso pretender me contar aquela história de: amor não tem idade?



Pois saiba que tem e saiba ainda, já ter ultrapassado a idade de encontrá-lo. Na adolescência você teve um amor: eu. Estive presente em sua vida na idade de amar, isto é importante.

Ana — Nada é importante para mim agora... Sei, porém, que vocês não me satisfazem mais.

Marcos — Antônio quer dizer...

Ana — Ambos.

Marcos — Você dormiu com êle, não comigo.

Ana — Que significa isto?

Marcos — Tudo. Você pode simular a ingênua como desejar, mas bem sabe onde se realiza de verdade todo amor. (Apontando para o quarto) — Alí! Só alí! Unicamente alí!

Ana — (Dirigindo-se para o quarto) — Vamos fazer uma experiência...

Marcos — (Ana entra no quarto) — Que experiência?

Ana — (Fora de Cena) — Você verá! (Silêncio).

Marcos — (Acendendo um cigarro e sentando-se numa poltrona) — Ana! Sabe de uma coisa?

Ana — (De fora) — O quê?

Marcos — Você é admirável... Apesar disto tudo não posso imaginar a vida sem sua presença, mesmo com os longos períodos passados sem nos vermos.

Ana — (Aparece na porta do quarto de combinação preta) — Venha!

Marcos — (Fica por um momento sem saber o que dizer) — Venha aonde?

Ana — Que está querendo?

Marcos — (Recuperando-se) — Oh! Meu bem! Nunca desta maneira! Engana-se, se por acaso pensa que me submeterei ao seu jôgo... Isto é lá experiência?

Ana — (Aproximando-se dêle em tom de desafio) — Está com medo?

Marcos — Medo?! Como se essa coisa tão corriqueira pusesse medo em alguém... O importante é que você não me subjugará. Desista, se deseja transformar-me em parceiro do seu brinquedo amoroso.

Ana — (Juntando-se a êle) — Que adianta tôda esta discussão, meu bem?

Marcos — (Enlaçando-a) — Assim, fique boazinha. Tudo isto é causado por seu intelectualismo inútil.

Ana — Perdoe-me, estou tão desamparada...

Marcos — Abandone-se... Fique comigo... Esqueça... (Vai en-

volvendo-a, quando a porta da rua abre repentinamente e entra Antônio).

Ana — (Afastando-se rapidamente de Marcos) — Oh!

Antônio — Boa tarde!

Marcos — (Sem perder a calma) — Boa tarde! (Ana corre para o quarto).

Antônio — Desculpe a inconveniência...

Marcos — Tudo está bem, completou-se o quadro.

Antônio — (Fazendo o gesto característico) — É... Só faltam os chifres!

Marcos — Ora, Antônio, você não é disso.

Antônio — Mas veja que situação ridícula.

Marcos — Por que veio aqui?

Antônio — Simplesmente visitá-lo.

Marcos — Logo hoje?

Antônio — Não sou advinho, meu amigo.

Marcos — Veja a situação em que nos colocou.

Antônio — Quem? Eu?

Marcos — Pois então?

Antônio — Mas o papel triste nesta história é o meu, afinal das contas a mulher é minha.

Marcos — Você nunca teve a lembrança de visitar-me quando estive doente, mas hoje, logo hoje, me aparece intempestivamente. Antônio, você é uma calamidade. (Ana surge na porta do quarto já vestida).

Antônio — Como ficamos, querida?

Marcos — Vamos ser sinceros. A melhor coisa que você tem a fazer Antônio é tomar o seu caminho... Ana agora é minha...

Antônio — Que acha, Ana? Temos ao menos de acertar nossos negócios matrimoniais.

Marcos — Um matrimônio é coisa naturalmente liquidada após um ano, quanto aos negócios em si a sociedade conjugal poderá prosseguir.

Ana — Não!

Marcos — Por quê? Pensa, por acaso, que estou querendo seu dinheiro?

Ana — Não quero saber de nenhum de vocês.

Antônio — Ana, sejamos razoáveis. Vamos resolver este assunto como gente civilizada.

Ana — Resolvam vocês...

Marcos — Vamos brigar outra vez, querida?

Ana — Para mim acabou. (Junta suas coisas).

Antônio — Que vai fazer?

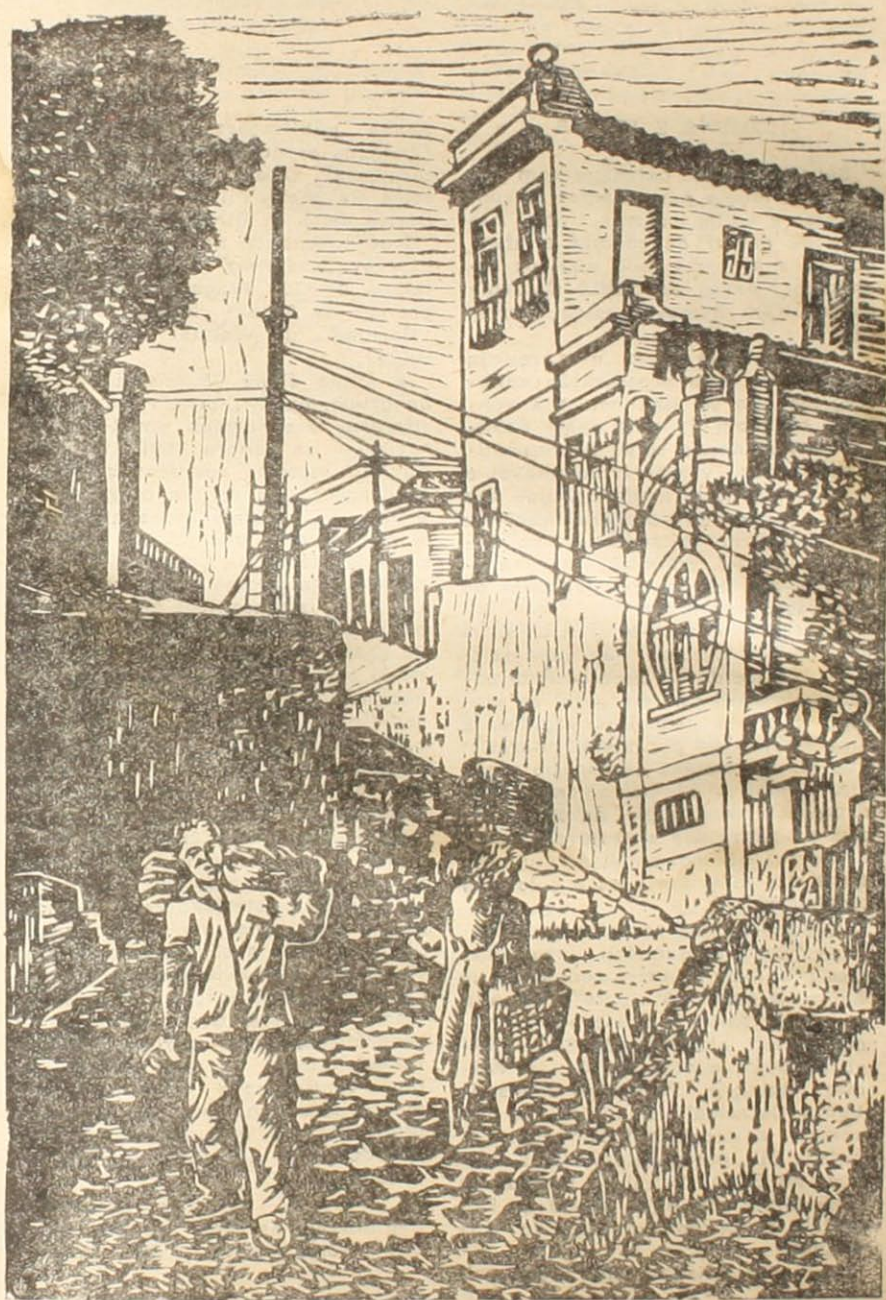


Marcos — Ráio de mulher complicada.  
Ana — Vou cuidar da minha vida... Façam vocês uma sociedade, arranjando outra mulher. Não contem comigo, meus queridos, são abjetos.  
Antônio — Ana, que lhe fiz eu?  
Ana — Nada! Este foi o seu erro...  
(Dirige-se para a porta).  
Marcos — Ana!  
Ana — Está acabado! (Sai).  
Marcos — (Correndo atrás dela) — Ana! Ana! Ana! (Silêncio. Antônio instalá-se calmamente em uma poltrona. Após um momento, volta Marcos).  
Marcos — Viu que peste de mulher? E agora?  
Antônio — Deixa estar. (Tirando uma pequena caderneta de apontamentos do bolso e dirigindo-se para o telefone) — Este livrinho é salvador, tenho aqui o telefone de dois super-brotos. (Tirando o fone do gancho) — Uma telefonada e acabou-se a tragédia...

PANO

Maio, 955





Linoleogravura de Arydio X. da Cunha (do Clube de Gravura do Rio).



## HOMENS E IDÉIAS

Sabendo-se dos percalços com que lutam os moços para manter as suas revistas e editar os seus livros, não se pode deixar de chamar a atenção para a forma pela qual os escritores novos de Santa Catarina conseguiram demover essas barreiras.

Eles contam com uma revista dispõem de uma organização editorial, em que se manifestam à vontade, há mais de dois anos, ficando, pelo menos, a salvo do ressentimento, por vèzes irremediável ou definitivamente anulador, que faz com que muitas vocações literárias se percam no isolamento, não logrando jamais comunicar-se e transmitir a sua mensagem, por falta de veículos apropriados.

A revista chama-se "SUL" e já está no 23º. número, não mais existindo o risco de vir a perecer da parálisis infantil que em geral a afeta, logo nos primeiros vagidos. É uma publicação puramente literária: não faz concessões de espécie alguma, única e exclusivamente, aos exercícios intelectuais, às experiências artísticas dos seus jovens colaboradores, que por sinal são numerosos e das mais variadas e coloridas tendências.

A editora, que também se denomina "Sul", já publicou cinco volumes ("Velhice e outros contos", a de Salim Miguel; "A ponte", prosa e verso, de Antônio Paladino; "Alguns gente", histórias, de Salim Miguel; "Piã", contos, de Guido Wilmar Sassi; e "contistas novos de Santa Catarina", coletânea, de diversos autores), e três "cadernos" "Idade 21", poemas de Walmor Cardoso da Silva; "Manhã", poemas de Eglê Malheiros; e "A morte de Damião", farsa em um ato de Ody Fraga).

Estão anunciadas, para breve, seis

novas publicações, três volumes ("Alguns aspectos da literatura catarinense", ensaios de Osvaldo Ferreira de Melo Filho; "Província", contos de J. P. Silveira de Souza; e "Rede", romance de Salim Miguel), e três "cadernos" ("ensalo geral", teatro, de Ody Fraga; "Terra fraca" poemas de Anibal Nunes Pires; o "Poemas", de Walmor Cardoso da Silva).

É ainda digno de atenção o fato do grupo, ou melhor, do movimento literário que formou em torno da revista e da editora "Sul", ter conseguido associar aos seus sonhos e realizações, os de um outro movimento, do mesmo modo altamente significativo, o dos jovens artistas plásticos de Santa Catarina — desenhistas, gravadores e pintores.

E tudo isto acontece em Florianópolis, um centro em que os recursos de ordem material são escassos tanto do ponto de vista das possibilidades gráficas, quanto das possibilidades financeiras. A receptividade do público, em relação à arte moderna, também ali não deve ser das maiores, o que não aconteceria, por exemplo, em meios como São Paulo.

Estas são circunstâncias que valorizam e engrandecem o movimento dos jovens escritores, poetas e artistas plásticos catarinenses, indicando, aos que os observam e admiram à distância, que a chama interior que os anima é autêntica, nada tem a ver com a mistificação e o exibicionismo daqueles que, noutras áreas geográficas, ainda não conseguiram industrializar as suas frustrações, mas continuam a viver principalmente para isso, numa perseverança digna de nota, quando mais não seja de parte dos discípulos do Dr. Freud.

Carlos Reverbel

("Correio do Povo" — Suplemento — Pôrto Alegre — 23.4-955).



## FALECIMENTO DE THOMAS MANN

Já o presente número da revista se encontrava nas oficinas quando nos chegou a notícia do falecimento de Thomas Mann, ocorrido a 12 do corrente, em Zurich, na Suíça, onde o escritor residia. Há pouco havia ele completado 80 anos, quando de toda parte do mundo lhe foram prestadas significativas homenagens, homenagens ao grande escritor e ao homem conciente. Nasceu ele em 6 de junho de 1875, na cidade de Lubeck, Alemanha. De descendência judaica. Antes da guerra, na ascensão do nazismo, deixou seu país e refugiou-se nos Estados Unidos, chegando mesmo a naturalizar-se americano; depois da guerra, descontente com o rumo que as coisas tomavam naquele país, deixou os Estados Unidos para refugiar-se na Europa.

Nesta breve nota não pretendemos, nem poderíamos, fazer um estudo da vida e da obra do autor de "Montanha Mágica", de "Os Buddenbrooks", da tetralogia de "José". Mas não poderíamos, igualmente, deixar passar em claro um acontecimento que veio enlutar toda a humanidade, porque a obra de Thomas Mann é já agora um patrimônio da humanidade.

Coerente quer como artista quer como ser humano, não desligando nunca as duas coisas, Thomas Mann tornou-se importante não só pela sua literatura, mas também pela sua atitude de homem diante dos acontecimentos. Como escritor pode ser

considerado, sem favor algum, como um dos mais importantes não só de nosso século, mas de toda a literatura mundial, em qualquer época. Como homem foi sempre digno, sempre conciente dos problemas, sempre de atitudes francas. Não dissociava a atividade intelectual da vida propriamente dita, não se encastrava, mas procurava participar na medida de suas forças. Suas recentes declarações em favor do entendimento, da compreensão e concordia entre os homens, sua atitude de repúdio às soluções de força, tornam-no caro a todos os que lutam por um mundo melhor.

Quando da morte do cientista Albert Einstein, declarou ele: "... O que eu nele (em Einstein) amava e admirava e sempre honrarei é a atitude moral com que, voltado para o pensamento humanístico, ele superior a todo o conformismo, defendia corajosamente as suas convicções". Palavras que poderiam servir para caracterizar muito bem o próprio Thomas Mann. E prosseguia: "— Haverá quem duvide de que o seu desgosto pelo caminho que o nosso mundo tomou e pela ameaça horrorosa a que a sua ciência, involuntariamente, emprestara a mão, tenha provocado o seu sofrimento físico, digo mais, tenha originado este sofrimento e abreviado a sua vida?"

Com a morte de Thomas Mann, perde a literatura mundial um dos seus vultos mais importantes. Deixou uma obra que ficará e que honra a humanidade.



RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

REVISTAS:

O Tempo — Ano V — abril a julho de 55 — Caixa Postal, 362 — São Paulo.

Polônia de Hoje — Boletim Mensal do Bureau de Informações Polonesas — Ano IX — n.ºs. 2 a 4 — fevereiro a abril de 55 — Rua Eduardo Guinle, 48 — Rio de Janeiro.

C. I. C. — Colaboração e Ilustração dos Colegas do Banco do Brasil — Ano I n.ºs 10 a 12 — abril a junho de 55 — Av. 13 de maio, 23 — Rio de Janeiro.

Itinerário — Arte e Divulgação — Ano XV — n.ºs. 143 a 145 — fev. a abril de 55 — Caixa Postal, 301 — Lourenço Marques — Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — Revista bimestral — nos. 12 e 13 — maio a agosto de 55 — 23, Rue de la Peniniere — Paris 8 — França.

Jornal de Combate — Ano IX — n.ºs. de abril de 55 — Rua Nilo Peçanha, 51 — Barra Mansa — Estado do Rio.

Jornal-Magazine da Mulher — Ano V — n.º. 47 — jan. fev. de 55 — Rua Augusta, 76 — 3.º. — Lisboa — Portugal.

Elo — Revista de Novos — Anos V e VI — n.ºs. 50 a 52 — fev. a maio de 55 — Caixa Postal, 454 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

Programas — atividades artísticas da Dirección de Cultura da Municipalidad de Avellaneda — French 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.

Revista de la Dirección de Cultura — Ano II — n.º. 6 — Ago. — dez. de 54 — Municipalidad de Avellaneda — French 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.

Revue de la Politique Mondiale — Anos X e VI — nos. 118 a 124 — março a junho de 55 — Terazije 31, P. fah 225 — Belgrado — Iugoslavia.

Noticiário — Museu de Arte Moderna de São Paulo — n.ºs. 4 a 6 — abril a junho de 55 — Rua 7 de abril, 230 — 2.º — São Paulo.

Actualidades — uma ilustração de Moçambique — Ano II — 2.ª série — nos. 14 a 16 — março a maio de 55 — Caixa Postal, 1535 — Lourenço Marques — Moçambique — África Oriental Portuguesa.

Programas do Cine-Clube do Pôrto — Clube Português de Cinematografia — nos 190 a 195 — março a maio de 55 — Praça Sidónio Pais, 267 — Porto — Portugal.

Estudos — Revistas de Filosofia e Cultura da Associação de Professores Católicos do Rio Grande do Sul — Ano XV — fasc. n.ºs 55 e 56 — n.ºs 1 e 2 — jan. a junho de 55 — Caixa Postal, 358 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Bollettino dell'archivio storico d'arte contemporanea della Biennale — n.º 22 — San Marco — Ca'Giustinian — Venezia — Italia.

Hoje — a notícia comentada — Ano 2 — n.ºs 60 a 69 — maio a juho de 55 — Rua dos Andradas, 691 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Ressurge, Gôa! — órgão nacionalista independente do povo goês — Ano VI — n.º 107 — fev. de 55 — Glamour Building — 12, Colaba Road — Bombay — India.

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano VIII — n.º 94 — Avanhandava, 316 — São Paulo.

Programas do Cine-Clube de Aracajú — CICLA — março a abril — Caixa Postal, 222 — Aracaju - Sergipe.



- Vértice** — Revista de Cultura e Arte — Vol. 15 — nos. 135 e 140 — abril e maio de 55 — Rua das Fangas, 46 — 2º D. — Coimbra — Portugal.
- Portvcaie** — Revista de Cultura — 3a. série — Vol. 1 — nº 3 — primavera de 55 — Rua Dr. Augusto Martins, 9 — Nogueira da Maia — Porto — Portugal.
- Cultuarte** — Órgão do Grêmio dos Alunos do Conservatório de Música de Pelotas — Ano I — nºs 12 a 14 — abril a junho de 55 — Rua Felix da Cunha, 651 — Pelotas — Rio Grande do Sul.
- Papel de Poesia** — publicação de Artigos Milans Martinez — Ano II — nºs 18 a 20 — fev. abril de 55 — General Rivera, 616 — Salto — Uruguay.
- Boletín de Música y Artes Visuales** — Departamento de Assuntos Culturais — nºs 57-58 — nov. e dez. de 54 — União Panamericana — Washington 6 — D. C. — Estados Unidos.
- Agora** — Cuadernos de Poesia — nº 37 — abril de 55 — José António, 31 — Madrid — Espanha.
- Notícias da Iugoslávia** — Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações — Ano 3 — nº 1 — maio de 55 — Rna Dona Marinha, 48 — Rio de Janeiro.
- The Hudson Review** — Vol. VIII — nº 1 — spring 1955 — 439. West Street — New York 14 — N. Y. — USA — Estados Unidos.
- Ahora** — Literaria, Social y Noticiosa — Ano 16 — nº 595 — abril 55 — Dr. Juan Zorrilla de San Martin, 1275 — Fray Bentos — Uruguay.
- Catálogo do Salon de Artes Plásticas — 1955** — Municipalidade de Avellaneda — Dirección de Cultura — French 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.
- Dona Endrina** — nº 6 — 1955 — Balconcillo, 6 — Guadalajara — Espanha.
- Visor** — Revista Portuguesa de Cinematografia — Ano III — nº 22 — abril 55 — Rua David Manuel da Fonseca, 88 — Rio Maior — Portugal.
- Universidade de Antioquia** — Vol. XXX — nºs 117 a 119 — junho a dez. de 54 — Apartado, 217 — Medellin — Colombia.
- Letras da Província** — Órgão oficial da Cultura de Limeira e Jaú — Ano VIII — nº 78 — junho de 55 — Limeira — Estado de São Paulo.
- Democracia** — periodico quinzenal Politico — Social-Noticioso — Ano IX — nº 200 — junho 55 — Av. Belgrano, 155 — Saladillo — Buenos Aires-Argentina.
- Revista UPC** — Publicação bimestral de cultura, arte e vida social da união de Propagandistas Católicos — Ano VII — nº. 35 — maio — junho de 55 — Caixa Postal, 552 — Belo Horizonte — Minas Gerais.
- Revista d'Aquem e d'Além Mar** — Ano 5º — no. 58 — abril de 55 — Rua Pereira e Souza, 61 — 2º. esq. — Lisboa — Portugal.
- Império** — Ano IV — nº 47-48 — março — abril de 55. Paiva de Andrade, 8-A — 1º — Lourenço Marques — Moçambique — África Orient. Port.
- Unifrance film** — Revue bi-mestral — nº 35 — maio — junho de 55 — 77, Champs Elysées — Paris 8º — França.
- Objetivo** — Revista del Cinema — nº 5 — maio de 55 — Carmen, 27 — Madrid — Espanha.
- Polónia** — revista ilustrada — espanhol — nº 1, 2, 3, 4 — 1955 — Mazowiecka, 11 — Polonia.
- Tchecoslováquia** — maio 1955 — décimo aniversário de libertação — editado pela Legação da Tchecoslováquia — R. Visconde de Albuquerque, 237 — Rio de Janeiro.
- Tchecoslováquia** — vol. V — nº 2, 3 4 e 5 — boletim da legação — Rio de Janeiro 1955.



El cine Checoslovaco — ano 2 -- nº 3 — ano 1955 — Praha — Checoslovaquia.

LIVROS:

Ciclos de la Poesía Brasileira — J. A. Pinto do Carmo — tradução do Dr. Andrés J. Abad — ed. da Union Cultural Americana — Buenos Aires — 1954.

Malta Brava — romance — Alexandre Cabral — Centro Bibliográfico — Lisboa — Portugal — 1955.

Grafología y Grafotecnia — Alberto Posada Angel (obra laureada por la Universidad de Antioquia) — Editorial Bedout — Medellin — Colombia — 1952.

Le Theatre en Iugoslavie — Edition: Musée de L'Art Theatra! — Belgrade — Iugoslavia — 1955.

Tempo Morto — caixinha de poemas — Mario Newton Filho — Campos — Rio de Janeiro — 1954.

Caderno de Elegias — Santos Souza — Aracajú — Sergipe — 1954

A Participação Política do Estudante — Adalmir da Cunha Miranda — Edições Estuário — nº 1 — Salvador — 1955.

Tributo ao Mérito — Opiniões sobre Vida e Obra do Sociólogo sergipano, prof. Florentino Menezes — Edição do Movimento Cultural de Sergipe — Vol. II — Aracajú — Sergipe — 1953.

Ensaios — José Augusto Garcez — Movimento Cultural de Sergipe — Vol. V — Aracajú — Sergipe — 1954.

Nós Acendemos as Nossas Estrélas — poemas — José Sampaio — Movimento Cultural de Sergipe — Vol. VIII — Aracajú — Sergipe — 1954.

O Destino da Provincia — (história) — José Augusto Garcez — Edição do Movimento Cultural de Sergipe — Vol. X — Aracajú — Sergipe — 1954.

Mensagens — poemas — José Augusto Garcez — Movimento Cultural de Sergipe — Vol. XII — Aracajú — Sergipe 1954.

Minha Cidade — poemas — José Amado Nascimento — Edição do Movimento Cultural de Sergipe — Vol. XIV — Aracajú — Sergipe — 1954.

Sonho e Realidade — poemas — J. M. Fontes — Edição do Movimento Cultural de Sergipe — Vol. XV — Aracajú — Sergipe — 1955.

Motivos de Aracajú — Sonetos — Jacintho de Figueiredo — Publicação da Prefeitura de Aracajú. Contribuição às comemorações do I Centenário de Aracajú — Edição do Movimento Cultural de Sergipe — Val. XVII — Aracajú — Sergipe.

Um resto de esperança — contos — Rogério de Freitas — Centro Bibliográfico — Lisboa — Portugal — 1955

Esta terra é nossa — poemas — Antunes da Silva — Centro Bibliográfico Lisboa — Portugal — 1952.

Villa adormecida — contos Antunes da Silva — Portugália — Lisboa — Portugal.

Sam Jacinto — contos Antunes da Silva — Portugália -- Lisboa — Portugal 1950.

O aprendiz de ladrão — contos Antunes da Silva — Orion — Lisboa — Portugal — 1955.

Checoslováquia — divulgação — Orbis — Praha — Checoslováquia 1953.

Jullus Fucik — volume publicado por ocasião do X aniversário da morte de Jullus Fucik — Orbis — Praha — Checoslováquia — 1953.

Viagem pelo espaço — poemas Alfredo Marques Ferreira — distribuição "Contraponto" — Portugal — 1954.

Reflexos — poesias — José Luis de Abreu Lima — distribuição "Contraponto" Lisboa — Portugal — 1952.

Em rodagem — poemas — Jaime Salazar Sampaio — distribuição "Contraponto" — Lisboa — Portugal — 1949.

Diário Flagrante — poemas — Fernando Alves dos Santos distribuição "Contraponto" — Rua Al. Barroso, 44 — 6º esp. Lisboa — Portugal — 1954.

---

Em breve

R É D E

Romance de

Salim Miguel

Edições "SUL" — VI

Cr\$ 50,00

Nas livrarias ou pelo reembolso postal

Pedir à Revista "SUL" — C. P. 384 — Fpolis. — S. C.



## PRÊMIOS LITERÁRIOS DA PREFEITURA DE S. PAULO

A prefeitura de São Paulo, numa atitude muito elogiável e digna de ser imitada, acaba de constituir prêmios literários que serão distribuídos anualmente. É um incentivo mais do que justo, pois, às mais das vezes, entre nós, o trabalho de divulgação cultural não tem a menor receptividade. Já que os poderes oficiais nada fazem de uma maneira geral, que pelo menos então, imitem o exemplo da Prefeitura de São Paulo, que em tão boa hora instituiu os prêmios abaixo, que serão distribuídos a partir deste ano. A primeira "Comissão Julgadora" é composta dos seguintes elementos:

### COMISSÃO JULGADORA

Rosine Camargo Guarnieri — representante da Secretaria de Educação e Cultura.

Maria José Dupré — representante da Sociedade Paulista de Escritores

Edgard Cavalheiro — representante da Câmara Brasileira do Livro

Afonso Schmidt — representante do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado

Antonio Rangel Bandeira — representante da Associação Brasileira de Escritores (Secção de São Paulo)

Enderço para inscrição:

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

(Praça da Sé, 323, 10º andar)

Aos cuidados de Rosine Camargo Guarnieri

(Gabinete do Secretario)

### DIÁRIO OFICIAL

DEC. LEI 2.881 DE 26/5/55

Regulamenta a Lei n. 4.507, de 26 de junho de 1954, sobre instituição de prêmios destinados a incentivar a cultura.

WILLIAM SALEM, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e regulamentando a Lei n. 4.507, de 26 de junho de 1954.

### DECRETA:

Art. 1º. — A Prefeitura Municipal de São Paulo distribuirá, anualmente, em solenidade a levar-se a efeito entre 20 e 30 de novembro durante a Semana do Livro, os seguintes prêmios:

a) — de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), ao escritor ou jornalista, brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil, que melhor contribuição tenha prestado à divulgação do livro, no período de 1º de janeiro a 10 de novembro do ano anterior, por trabalhos insertos na imprensa nacional, redigidos em português, desde que devidamente assinados, ou publicados sob pseudônimo neste caso exigida, no ato da inscrição, declaração de identificação passada pelos periódicos que publicaram os trabalhos;

b) — de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), ao classificado em segundo lugar, nas mesmas condições e satisfeitas iguais exigências do item anterior;

c) — de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), à melhor obra literária de autor nacional, editada no período de 1º de janeiro a 10 de novembro do ano anterior, observado rodízio anual das modalidades lite-



rárias de romance, literatura infantil, conto, ensaio, teatro e poesia, iniciando-se esse rodízio pelo prêmio ao melhor romance;

d) — de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), à obra classificada em segundo lugar, nas mesmas condições e satisfeitas iguais e exigências do item anterior.

Art. 2º. — Denomina-se 'Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo' o de que tratam as letras "a" e "b" do artigo anterior e "Prêmio Câmara Municipal de São Paulo" o de que tratam as letras "c" e "d".

Artigo 3º. — Considera-se como contribuição à divulgação do livro pela imprensa: o trabalho regular e contínuo de crítica literária, científica ou artística, desde que vise estritamente ao julgamento de obras publicadas em livro; de orientação e de direção de suplementos literários, desde que estas atividades sejam caracterizadas por cunho pessoal; de noticiário bibliográfico comentado; de reportagens assinadas sobre livros ou órgãos ligados ao livro, como bibliotecas, livrarias, casas editoras, etc.

Art. 4º. — Para efeito deste decreto consideram-se órgãos de imprensa nacional os jornais, revistas e outras publicações devidamente autorizadas a circular, que tenham tirado e distribuído pelo menos dois números.

Art. 5º. — Os prêmios serão concedidos a candidatos para isso inscritos até 30 de novembro de cada ano, na Secretaria de Educação e Cultura, observadas as seguintes condições:

a) — Os candidatos ao "Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo" apresentação comprovante dos trabalhos publicados, de forma a atestar a data da publicação e a identificar o órgão que a fez;

b) — os candidatos ao "Prêmio Câmara Municipal de São Paulo" apresentação três exemplares da obra concorrente, acompanhados de declaração da casa que a editou, de que foi impressa no período de 1º de janeiro a 10 de novembro do ano do concurso, dispensada esta declaração desde que o livro tenha impressa a data completa em que se terminou a sua fatura gráfica;

c) — acompanhará esses trabalhos e provas carta do autor, que declarará seu nome por extenso, filiação, data e local do nascimento, residência, bem assim conformar-se com as condições do presente decreto.

§ 1º. — Os trabalhos enviados pelo Correio deverão ser sob registro e serão inscritos, observadas as exigências anteriores, desde que comprovadamente postados até 30 de novembro de cada ano.

§ 2º. — Da inscrição será fornecido recibo pela Secretaria de Educação e Cultura, não implicando esse ato na classificação automática ao concurso, que compete à comissão julgadora, a qual poderá desclassificar liminarmente concorrentes que não tenham cumprido todas as exigências deste decreto.

Artigo 6º. — Até 30 de novembro de cada ano será constituída a comissão julgadora dos prêmios, composta de cinco membros de renome jornalístico ou intelectual, de nacionalidade brasileira, residentes em São Paulo e não concorrentes aos prêmios, indicados pela Secretaria de Educação e Cultura, Câmara Brasileira do Livro, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, Associação Brasileira de Escritores — Seção de São Paulo — e Sociedade Paulista de Escritores.

§ 1º. — Essa comissão deverá terminar os trabalhos de julgamento até 30 de junho do ano subsequente ao do concurso, de tudo apresentando relatório, indicando os primeiros e segundos colocados e, eventualmente, os que sejam merecedores de menção honrosa.

§ 2º. — Dêse julgamento ou de simples classificação ou desclassificação de qualquer candidato, caberá recurso à comissão instituída pelo artigo 2º. da Lei n. 4.507, de 26 de junho de 1954, recurso este que deverá ser interposto até 30 dias depois de conhecido o ato impugnado.



Art. 7º. — As inscrições para os concursos correspondentes aos trabalhos e obras publicadas no período de 1º de janeiro a 10 de novembro de 1954, têm sua data de encerramento adiada para 31 de agosto de 1955.

Parágrafo único — A comissão julgadora será, na forma deste decreto, nomeada até 15 de julho de 1955, devendo encerrar seus trabalhos até 30 de setembro do mesmo ano.

Art. 8º. — A Secretária das Finanças fará o empenho da importância de Cr\$ 1.000,00 (cem mil cruzeiros), destinada a ocorrer aos pagamentos dos prêmios correspondentes ao corrente ano, tendo em vista o crédito especial aberto pelo artigo 5º da Lei n. 4.507, de 26 de junho de 1954.

Art. 9º. — Os casos omissos serão resolvidos pela comissão nomeada de acordo com o disposto no artigo 2º da citada Lei n. 4.507, composta de um delegado do Executivo Municipal e de representantes da Câmara Brasileira do Livro, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, da Associação Brasileira de Escritores — Seção de São Paulo — e da Sociedade Paulista de Escritores.

Art. 10 — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de São Paulo, 26 de maio de 1955, 402 da fundação de São Paulo.

O Prefeito,  
WILLIAM SALEM  
O Secretário dos Negócios Internos e Jurídicos  
Elias de Siqueira Cavalcanti  
O Secretário das Finanças  
José Scaciota  
O Secretário de Educação e Cultura  
Renato Antônio Checchia

Publicado na Diretoria do Departamento do Expediente e do Pessoal, da Secretaria dos Negócios Internos e Jurídicos, em 26 de maio de 1955.

O Diretor substituto  
JUVENAL DE OLIVEIRA CASTRO

---

#### PRÊMIO "LETRAS FLUMINENSES" DE 1955

O jornal "Letras Fluminenses" está divulgando em seu nº 12, em circulação, as bases do concurso literário anual que mantém e que este ano se destina a premiar a melhor novela recebida. As bases do referido concurso são as seguintes: 1) as novelas deverão ser inéditas, sendo o assunto de livre escolha do concorrente; 2) a extensão dos trabalhos será do máximo de 30 folhas, tamanho almaço, datilografadas de um só lado, em espaço dois; 3) os originais serão recebidos até o dia 30 de novembro de 1955, devendo ser apresentados em 3 vias; 4) o autor concorrerá com um pseudônimo, que deverá constar dos originais, juntando a estes um envelope fechado que conterá seu nome completo, endereço e o mesmo pseudônimo; 5) o julgamento será feito pelo Grupo de "Letras Fluminenses"; 6) o Prêmio "Letras Fluminenses" é do valor de Cr\$ 5.000,00 e, sob o alto patrocínio de Moreira Carneiro & Cia. (Moreira dos Cofres) da Rua Marechal Deodoro, nº 130/138, é conferido anualmente por intermédio de "Letras Fluminenses"; 7) os originais deverão ser remetidos a Moreira Carneiro & Cia. (Rua Marechal Deodoro, nº 130/138 — Niterói), ou à redação de "Letras Fluminenses" (Rua Professor Miguel Couto, nº 348, apto. 201 — Niterói); 8) a entrega do prêmio será feita pelo sr. Walter Moreira Carneiro, chefe da firma Moreira Carneiro & Cia., em reunião pública promovida por "Letras Fluminenses", em Niterói, em dia previamente anunciado do mês de dezembro; 9) não se devolverão originais.

## TURISMO EM SANTA CATARINA

Novamente fala-se em turismo em Santa Catarina. A Imprensa publica novos planos, traçam-se novas diretrizes. Isto não deveria abalar a reportagem, já acostumada a estas "febres" repentinas que, de vez em quando, atacam nossa gente. Explicamos: não é de hoje que se pensa em fazer turismo em Santa Catarina. Há muito tempo que se ouve falar em planos e mais planos, a grande maioria deles baseada no apoio governamental.



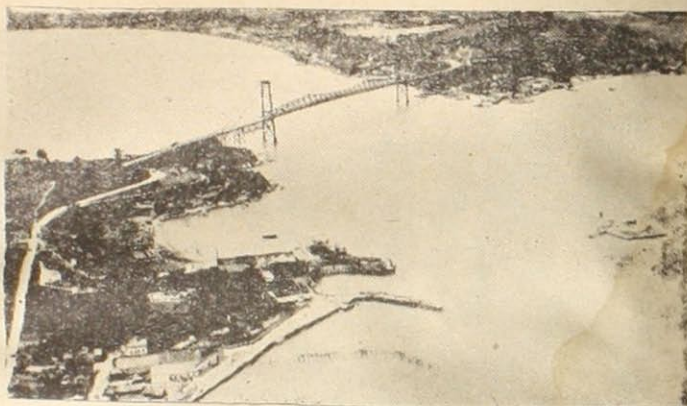
Puxando a Rede de Pesca em Canasvieiras.

Desta vez, entre tanto, sentimos que será um pouco diferente. Sentimos que não será apenas uma idéia. Não será um desses planos magníficos no início, cujo destino apenas é sempre o fundo de uma gaveta. É uma certeza, pouco falta para ser uma realidade. Porque, à frente de uma equipe laboriosa e compenetrada da importância da tarefa, está um cérebro, um cérebro de pioneiro.

Luiz Fiuza Lima coloca-se novamente na vanguarda de sua abnegada gente, para fazer turismo em Santa Catarina!!!



Há poucos dias atrás, o "Correio da Manhã" publicava um artigo, sob o título "Porque se agigantam as nossas cidades", fornecendo dados sobre as principais cidades do Brasil. Citando Estado por Estado, foi dado um salto espetacular do Paraná ao Rio Grande do Sul. Nem de leve, de passagem, foi mencionada uma cidade catarinense. Falou-se em Rio Branco, lá no Território do Acre, Arapongas, Caxias do Sul, Niterói... e nenhuma cidade de Santa Catarina foi citada.



Vista aérea de Florianópolis — Ponte "Hercílio Luz".

Antes de debitarmos a omissão à má vontade do articulista, devemos ponderar que Santa Catarina é praticamente desconhecida no Brasil. Na verdade, poucos catarinenses conhecem Santa Catarina! Quando alguém fala em turismo, o nosso pensamento corre imediatamente para o estrangeiro. E, se o pensamento se concretiza, o nosso dinheiro também corre para fora do País...

Há algum tempo atrás, ninguém pensava em passar uns dias no Amazonas. Sabia-se que era um grande produtor de borracha, possuía fauna e flora muito variada, e era cortado pelo maior rio do mundo. Só

Ante dados tão frios, quem pensaria em gastar uns dias no "Inferno Verde"? ... Entretanto, a Prudência Capitalização construiu um prédio de linhas modernas, colocou-o dentro de uma vitória-régia, e espalhou-o pelo Brasil. Publicou alguma coisa sobre as atrações que Manaus pode oferecer e, hoje, sabe-se que, no Amazonas, existem motivos de sobra para compensar uma viagem de recreio até lá.

O nosso Estado, com tantas atrações naturais, com uma indústria textil razoavelmente desenvolvida, permanece na obscuridade, num eterno segundo plano.



O tradicional ponto de Carros de Cavalos à Praça 15 de Novembro.

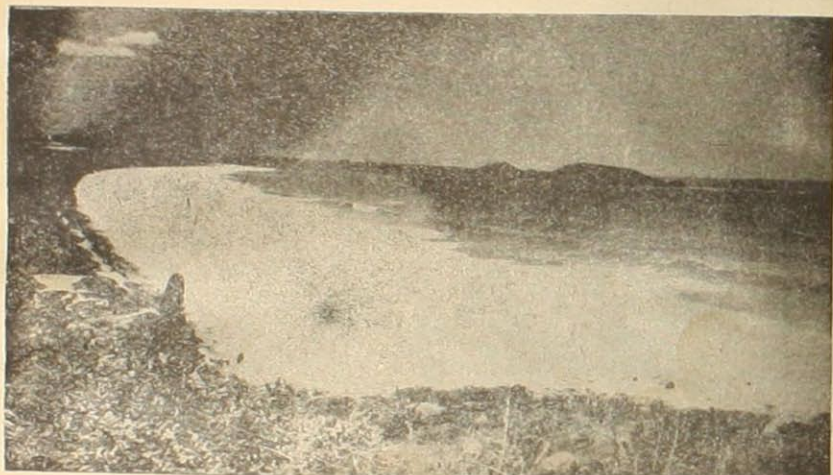
Pouca gente conhece os maravilhosos recantos naturais que a nossa Ilha oferece: Canasvieiras, Lagoa, Ingleses, Campeche... Para ver neve e geada, muita gente acha necessário ir à Europa, quando aqui mesmo, em Lajes e outras cidades serranas, é um espetáculo comum quando chega o inverno.

Porisso, a idéia de Fiuza Lima é louvável, e mere o nosso apôio incondicional. Conforme ficou dito linhas acima, sentimos que não é apenas uma idéia. Luiz Fiuza Lima conhece o assunto e, graças a sua



vontade inquebrantável, a Transportes Aéreos Catarinense poderá cumprir mais esta etapa de seu destino de pioneira.

Graças ao espírito empreendedor de Fiuza Lima, o Brasil ficará sabendo que Canasvieiras é uma praia notável sob todos os aspectos; que, na Lagoa, assiste-se a um nascer do sol maravilhoso; que, na mesma Lagôa, a pesca do camarão, à luz de archotes, é algo de fabuloso; que Florianópolis não é sómente uma Ponte com 800 metros de comprimento.



Praia de Campeche.

Em palestra com o sr. Luiz Fiuza Lima, ficamos conhecendo os detalhes básicos do "PLANO DE TURISMO" da Transportes Aéreos Catarinense. Em matéria de planejamento, é algo de novo e surpreendente entre nós. Os mínimos detalhes estão sendo estudados por uma equipe consciente da tarefa que realiza.

Como fundamento da arrojada campanha, está sendo preparado um **GUIA INFORMATIVO TAC**, destinado à distribuição nas Agências e Sub-Agên-

cias da Transportes Aéreos Catarinense, além dos principais hotéis e restaurantes do Estado. Este GUIA possibilitará o fornecimento de detalhes sobre as nossas cidades do Interior, tais como: nomes, endereços e preços de hotéis; meios de condução; socorros médicos em casos de urgência; estabelecimentos de crédito e repartições públicas; pontos pitorescos para excursões; diversões; principais indústrias, e outras informações que possam interessar ao turista.

A fim de que fôsse possível a confecção deste GUIA, foi distribuído um questionário a todos os funcionários da TAC no Interior, que não mediram esforços para a rápida obtenção de dados exatos. Para que a tarefa resulte perfeita, está prevista uma atualização do GUIA, de três em três meses.

Desta maneira, qualquer pessoa, antes de dirigir-se para qualquer cidade, já poderá ficar sabendo em que hotel poderá se hospedar, quais as conduções que poderá tomar, etc. . . . Se fôr a passeio, saberá que lugares poderá visitar; se em casos de negócios, que firmas poderá visitar, quais as possibilidades que a localidade oferece, e muitas outras facilidades.

A finalidade principal do PLANO é tornar nossas cidades mais conhecidas fóra do Estado, sob todos os aspectos possíveis. Assim, já estão sendo confeccionadas séries de fotografias tamanho 50 x 70, que serão distribuídas em todo o território nacional. A reportagem teve oportunidade de examinar estas fotografias, notando-se desde logo a preocupação dos encarregados em mostrar coisas essencialmente catarinenses: Praia da Lagôa, nevada em Lajes, vista panorâmica de Florianópolis, a Ponte Hercílio Luz, e muitas outras.

Luiz Fiuza Lima conhece que, em turismo, o principal é a propaganda e, porisso, não vem regateando preços nem condições. O lema é tornar San-



ta Catarina mais conhecida, custe o que custar! Para maior perfeição da tarefa, já foi feito um apelo às indústrias e às Prefeituras do Interior, no sentido de remeterem fotografias das coisas de lá. Desta maneira, será feita publicidade gratuita dos que se unirem à Transportes Aéreos Catarinense nêsse empreendimento.

Outro ponto que mereceu destaque no raciocínio dos elaboradores do PLANO, foi o fato de evitarmos a saída do nosso dinheiro sempre que alguém pensa em fazer turismo, isto porque o nosso pensamento dirige-se para o exterior, pois é de lá que vem as vistosas fotografias de belos cenários naturais, bons hotéis e notáveis indústrias. Divulgando nossas coisas, estaremos atraindo a atenção dos que podem viajar, fazendo sentir a necessidade de melhor conhecerem o nosso País, impossibilitando a evasão de nossas já escassas divisas.

O projeto vai ganhando corpo, apesar das inevitáveis dificuldades iniciais. Já argumentaram a Luiz Fiuza Lima que, em Santa Catarina, não existem motivos suficientes para um movimento de tal envergadura. Quem assim falou não conhece o nosso Estado! Nunca ouviu falar em **BOI-DE-MAMÃO, PAU-DE-FITA**, Procissão de Passos, das Exposições agro-pecuárias em Lajes, na imensa variedade de orquídeas existente em nosso litoral, na pesca da tainha... Repito: não conhece o nosso Estado!...

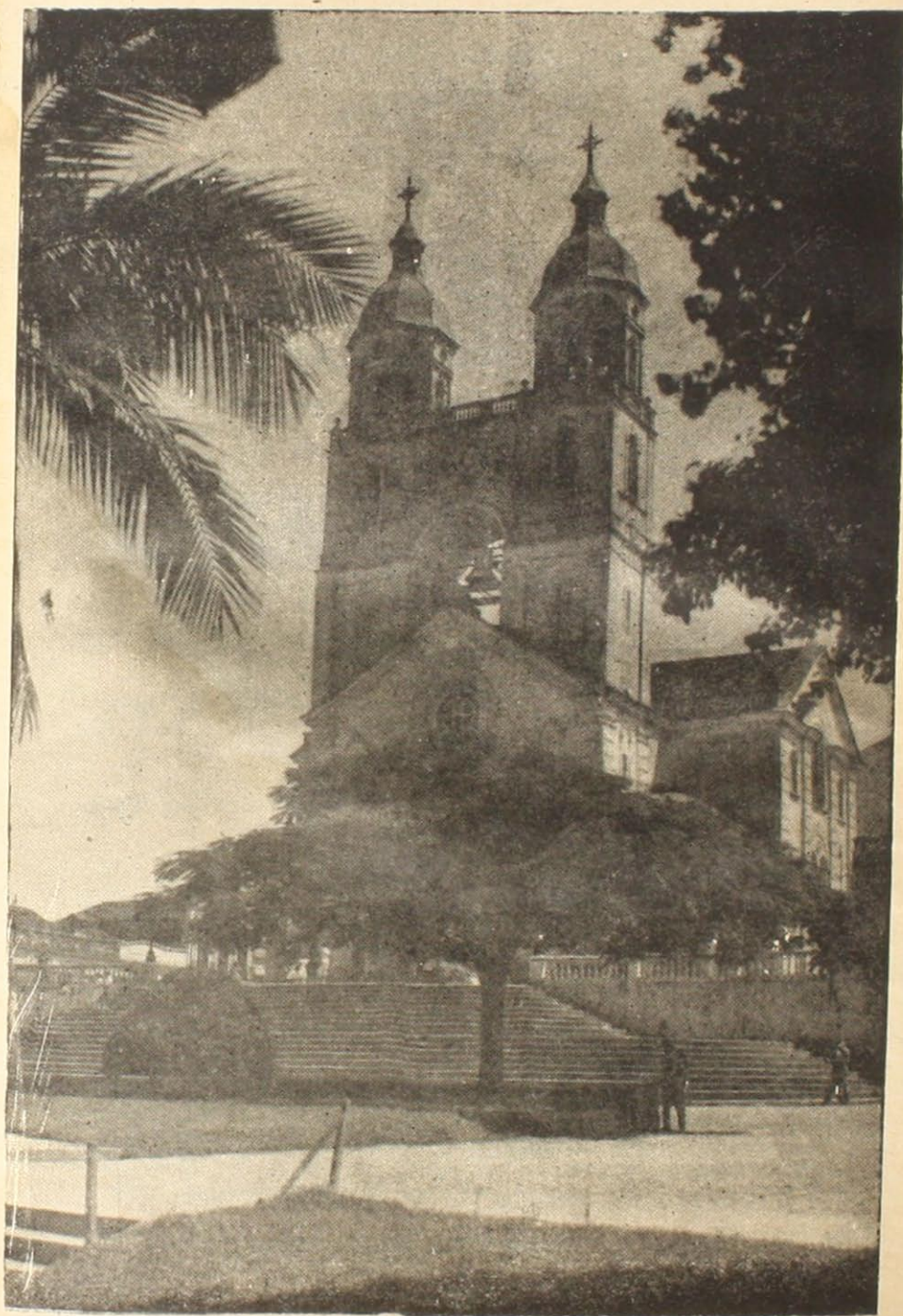
Luiz Fiuza Lima e sua dedicada gente não ignoram que a tarefa é árdua. Sabem que terão de enfrentar um pessimismo há muito arraigado no brasileiro, especialmente quando coisas nossas são colocadas em foco. Para enfrentar tôdas as dificuldades, levam sua melhor coragem e a mais inabalável persistência.

Que não lhes falte também o nosso apôio.

A. B.

Clichês cedidos por especial gentileza do Boletim "Florianópolis-Turístico".







Para conhecer o movimento literário dos novos autores de Santa Catarina, adquira não só a revista "Sul", mas também as "Edições" e "Cadernos" SUL:

Já foram publicados:

#### Edições "SUL"

- I — Velhice e outros contos — de Salim Miguel
- II — A Ponte (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — Alguma Gente — histórias — de Salim Miguel
- IV — Piá — contos de Guido Wilmar Sassi
- V — Contistas Novos de Santa Catarina — organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel — Introdução de Nereu Correa — Ilustrado por artistas plásticos catarinenses

#### Cadernos "SUL"

- I — Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — Manhã — poemas de Eglê Malheiros
- III — A Morte de Damião — farsa em um ato — Ody Fraga

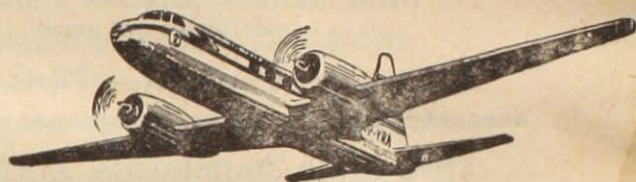
Dentro de breve, nas Edições "SUL":

- VI — Alguns Aspectos da Literatura Catarinense — Osvaldo Ferreira de Melo (filho)
- VII — Província — contos de Silveira de Sousa
- VIII — Rede — romance de Salim Miguel

#### Nos Cadernos "SUL"

- IV — Ensaio Geral — ensaios de teatro — Ody Fraga
- V — Terra Fraca — poemas de Anibal Nunes Pires
- VI — Poemas — de Walmor Cardoso da Silva

# **REAL** S.A. TRANSPORTES AERÉOS



Ligando os diversos centros de Cultura, A REAL vêm contribuindo para a difusão das artes no Brasil.

---

**CARLOS HOEPCKE S. A. — Comércio e Indústria**

**Matriz: FLORIANÓPOLIS**

**FILIAIS:** Blumenau, Joinville, Joaçaba, Lajes, Laguna, São Francisco do Sul, Tubarão (S. Catarina) e Curitiba (Paraná).

**Agências em Santos e Rio de Janeiro.**

**Armadores — Comerciantes — Industriais**

**EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO HOEPCKE —** Serviço regular de cargas e passageiros entre os portos de Laguna, Florianópolis, Itajaí, São Francisco do Sul, Santos e Rio de Janeiro.

**COMÉRCIO EM GROSSO DE:** Ferragens — Maquinas — Produtos Químicos e Farmacêuticos — Tecidos — Automóveis e Caminhões da General Motors do Brasil — Produtos de Borracha da Companhia Goodyear do Brasil.

**FÁBRICA DE PREGOS E GÊLO — OFICINAS MECÂNICAS — POSTOS DE SERVIÇO.**

Telegramas — Matriz e Filiais: "HOEPCKE"



LIVRARIA MODERNA  
DE  
PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,  
livros didáticos, papelaria e artigos de  
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadrinhos — resserrados aparelhados — fôrro  
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"  
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER  
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua  
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

E

CONTABILIDADE

NILTON JOSÉ CHEREM

E

ARMANDO SYLVIO CARREIRÃO

(ADVOGADOS)

END.: R. JERÔNIMO COELHO, 4

1º ANDAR — FLORIANÓPOLIS

---

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e  
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia  
Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

---

CASA YOLANDA

Matriz

Filial

Trajano, 2

Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

---

**PIRELI S. A.**

LAPIS JOHANN FABER LTDA.  
REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Caixa Postal 84 — Tel. 3773

Florianópolis — Sta. Catarina



**Drs.**

**J. B. Bonnassis**

**e**

**Fúlvio Luiz Vieira**

**Advogados**

**R. Deodoro, 9 — Florianópolis**

**Antônio de F. Moura**

**Gercy Cardoso**

**Heitor F. do Livramento**

**Steiner**

**Advogados**

**Rua Felip Schmidt, 42-A —**

**1 andar — Florianópolis**

---

**COCIMA**

**Construções, Comércio e Indústria de Madeiras**

**Construções, projetos loteamentos, etc.**

**Madeiras brutas e beneficiadas**

**Fábricas de esquadrias**

**Beneficiamento de madeiras**

**Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7**

**Florianópolis — Sta. Catarina**

**CURSO BOSCO**

**(Registrado no Departamento de Educação)**

**Com equipe de professores especializados.**

**Artigo 91**

**Aulas Noturnas**

**Informações e Matrícula na LIVRARIA LIDER (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35 (Edifício Patheron)**

DR. VIDAL

CLÍNICA DE CRIANÇAS

CONSULTÓRIO: — R. FELIPE SCHMIDT, 38

CONSULTAS DAS 16 AS 18 (4 AS 6) HORAS

RESIDÊNCIA: — CRISPIM MIRA, 25 — FONE 3165

---

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

---

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Consultório:

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

---

**DR. GUERREIRO DA  
FONSECA**

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA

Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.

— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia  
da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2  
(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas)  
consultório



**LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.**

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;  
aceita qualquer encomenda de  
livros nacionais ou estrangeiros;  
atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas  
instalações, à Praça 15 de Novembro, 27



**Armarinhos, Bijouterias, Vidros, Conservas, etc.**

**LIBERATO LAUS & FILHOS**

— ATACADISTAS —

**Rua Cons. Mafra, 46**

**Ed. Telegr.: Liber Laus**

TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE S/A



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL  
AV. RIO BRANCO, 128—LOJA—TEL 426060



## S U M A R I O

Os "rapazes" de Sul .....	W. C. S.
Laurindo Rabelo, o "poeta lagartixa" .....	Clovis Moura
Alguns aspectos do jornal cinematográfico .....	Glauco Rodrigues Corrêa
Calvero .....	Ilmar Carvalho
A poesia no cinema .....	Antônio da Silva Filho
A viagem .....	Walmor Cardoso da Silva
Poema .....	Anibal Nunes Pires
Em maio, 26 .....	Elizabeth Galloti
Poema .....	Paulo Di Bernardi Pires
Cantiga .....	Lila Ripoll
Paralelo .....	J. M. Fontes
Porque? .....	Noêmia de Sousa
Tropa negra .....	Mário A. F. de Oliveira
O símbolo religioso na arte primitiva .....	Edmond Jorge
Vida de um clube de gravura ....	redação
Alma y canción de Andres Eloy Blanco .....	Etelvina Villanueva y S.
Poeta .....	R. B.
O dia do Juízo .....	A. Boos Jr.
O prodígio .....	Guido Wilmar Sassi
Beto .....	O. F. de Melo (filho)
A solitária companheira .....	Doralécio Soares
A visita (pêça em um ato) .....	Ody Fraga
Notas & Comentários:	
Homens e idéias .....	Carlos Reverbel
Falecimento de Thomas Mann ...	redação
Prêmios literários da Prefeitura de São Paulo .....	divulgação
Recebemos & Agradecemos .....	redação
Turismo em Santa Catarina .....	A. B.
Prêmio "letras fluminenses" de 1955 .....	divulgação

"Sul" encontra-se à venda:

### NO RIO

Livraria José Olímpio

Rua do Ouvidor, 110

Livros de Portugal

R. Gonçalves Dias

Livros Franceses

Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

### EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607.

Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.

Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

### EM JOÃO PESSOA

Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.

Preço Cr\$ 5,00

### NO RECIFE

Livraria Editora Nacional

### EM PORTO ALEGRE

Livraria Miscelânea, Praça da Alfândega, 38.

### EM BUENOS AIRES

Librería General de Tomás

Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

### EM PORTUGAL (Lisboa)

Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livresiros — Praça de Londres, 5 A.

### EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.

Livraria Lider — Rua Tenente Sliveira, 35.

Livraria Anita Garibaldi Ltda. — Praça 15 — N. 27.

Em Portugal 7\$50